



Falar é fácil. Difícil é ser ouvido e entendido
Manual de locução para telejornalismo

Natália Boere

Falar é fácil. Difícil é ser ouvido e entendido -

Manual de locução para telejornalismo

2006 • 1ª Edição

*A meus pais, que me ensinaram a amar e entender melhor a vida
A minha irmã, que tornou a vida mais alegre para mim*

Agradecimentos

A meus pais e minha irmã, pelo apoio incondicional. A meus amigos e meu namorado, pela compreensão enquanto estive ausente. A minha orientadora, Simone Bortoliero, por ter “comprado” a minha missão, acreditado no meu potencial e me dado o suporte necessário. A Terezinha Torres, fonoaudióloga, amiga, torcedora, por quem tenho um carinho enorme. Ao amigo e fera do design, Penga, parceiro de todas as horas. A TVE, minha segunda escola. Aos colegas da Rádio Metrópole, também muito compreensivos e dispostos a cooperar. Ao professor Sebastião Squirra e aos colegas Casemiro Neto, Jonny Torres e Rita Batista, pela simpatia e disponibilidade. A André Lemos, da Bigraf, sinônimo de colaboração desde a época do colégio. Ao professor Maurício Tavares, que me deu oportunidade de descobrir a minha veia crítica. A Deus – comigo SEMPRE.

Falar é fácil. Difícil é ser ouvido e entendido -

Manual de locução para telejornalismo

Natália Boere

Ficha Técnica

Texto: **Natália Boere**

Revisão: **Natália Boere**

Projeto Gráfico: **Com Arte Comunicação**

Fotos : **In "Fonoaudiologia e telejornalismo - Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo"**
"Voz e corpo na TV"

Sumário

■ Apresentação	07
■ Introdução	09
■ Da prática à teoria	13
■ Quem é o nosso telespectador?	15
■ O texto fala	17
■ Pequeno guia prático	19
■ O apresentador	29
■ O repórter	51
■ Fique atento!	61
■ Dicas de exercícios	63
■ Para saber mais	67
■ Anexos	71

■ Apresentação

Este livro partiu da minha constatação de que não existia material sobre locução no telejornalismo para dar suporte aos estudantes de graduação dos cursos de comunicação da Bahia e, até, aos profissionais de televisão locais. Partiu também da minha vontade de saber mais sobre o assunto. Como repórter há três anos, não tinha muita noção da gama de possibilidades que a voz e o corpo nos proporcionam. Abrir a boca e ler um texto é muito fácil. Fazia isso muito bem desde a primeira série no colégio, quando tinha que ler textos de Português em voz alta para a professora avaliar. Mas em televisão, a missão é mais complicada. Não é só a professora avaliando, são milhões de telespectadores, que querem a informação, mas não a querem de qualquer jeito. Se não sentirem verdade no que o repórter ou apresentador estiver dizendo, se não forem convencidos de que aquela informação é importante, se não se interessarem pelo conteúdo e, principalmente, pela forma como ele é transmitido, se não simpatizarem com quem o estiver transmitindo, se desviarem, por qualquer motivo, a atenção da notícia, a lista de “ses” é interminável... O maior de todos é que, se a mensagem não for passada da forma mais cuidadosa possível, ela não vai chegar ao telespectador, ou pode até chegar, mas vai ser mal interpretada, o que está longe dos objetivos da comunicação... Como afirmou Marc Paillet (1986), em relação a um discurso presidencial, “É a cada um de nós que o presidente se dirige. Ele nos fala, nos olha, inteiramente ocupado em me seduzir, me convencer. Ele aponta o dedo na minha direção, sublinha uma frase com uma mímica que eu surpreendi. Mas... eu posso julgar, avaliar, pegar ou largar.”. Não fazemos parte do primeiro poder, nem

do segundo, ou terceiro. Mas dizem que a imprensa é o quarto poder e o dom da eloquência e da expressividade não deixa de ser exigido para apresentadores e repórteres de televisão. Cabe a nós reduzir ao máximo a possibilidade de “largarem” a notícia. Na minha busca de meios para tanto, gravei e analisei apresentadores e repórteres de telejornais de emissoras locais, pedi que uma fonoaudióloga focada em preparação de telejornalistas fizesse o mesmo, aprendi com o diagnóstico feito por ela, entrevistei apresentadores de telejornais das mesmas emissoras, também aprendi com a experiência deles, e li, li, li muito sobre o assunto. Neste manual está o resultado de toda esta maratona. Uma das minhas maiores descobertas foi a de que conseguir ser natural e expressivo em televisão é como dirigir um carro ou falar uma língua estrangeira. Se formos pensar no mecanismo, em todas as mil e uma possibilidades que o corpo e a voz nos oferece para nos expressarmos, a comunicação acaba não fluindo como deveria. A bagagem para dirigir sem pensar a hora de passar a marcha ou para saber empregar “too much” e “too many” de forma correta e com segurança se adquire com o tempo. Mas se não tirarmos o carro da garagem, ou não nos dedicarmos a um curso de línguas, nunca vamos conhecer o nosso potencial como motoristas, como políglotas, ou como comunicadores. Eu já sei dirigir e já falo outras línguas. Agora estou buscando com afinco aprimorar a expressão verbal e corporal. Cresci bastante em todo este percurso. Espero que este manual seja um caminho se você tem o mesmo objetivo que eu – mesmo que você AINDA não saiba dirigir.



Introdução

Como tudo começou

**“É até possível salvar um texto ruim com uma boa narrativa,
mas podemos destruir o melhor texto do mundo com uma narrativa ruim.”**

Benedito Costa Neto

■ Introdução

Na década de 1950, quando teve início o telejornalismo no Brasil, a narração era inspirada no rádio, único parâmetro de locução que possuíamos no país. Mas, como sabemos, no rádio, só o que importa é a voz e essa voz era impostada – ainda hoje é possível ouvir resquícios de impostação em locutores mais tradicionais. Daí que, nos primeiros anos da televisão, como a maioria dos apresentadores tinha vindo do rádio, a narração era radiofônica.

O telejornalismo primitivo sofreu influência ainda das manchetes de jornais, o que tornava a narração mais dura. O jornalista Pedro Bial (1996), que já foi correspondente internacional da Rede Globo e há dez anos apresenta o Fantástico, resumiu bem estas interferências:

Nossa escola de apresentação ainda é muito marcada pelo estilo radiofônico. Há um excesso indiscriminado da ênfase, tudo é manchettato. Isto vem melhorando, mas esta tendência tinha chegado a paroxismos no antigo Jornal Nacional. Estava ficando difícil discernir a notícia realmente importante da corriqueira.

Segundo Deborah Feijó e Leny Kyrillos (2004), ambas fonoaudiólogas da Central Globo de Telejornalismo, o percurso para fugir da fala “engessada” nos telejornais foi longo. Para mudar o jeito de falar na televisão, a Rede Globo buscou a experiência de uma profissional acostumada a cuidar da fala. Foi aí que entrou na história do telejornalismo da rede a fonoaudióloga Glorinha Beutenmüller, no início dos anos 70. Por quinze anos, ela usou sua longa experiência com atores para ensinar os profissionais do telejornalismo a falar com o

corpo inteiro, a ver a palavra dita, a ter sensibilidade. E assim foram sendo formados os primeiros repórteres de vídeo da Globo. Contam Feijó e Kyrillos:

No período de implantação do telejornalismo, havia mais um desafio: era a primeira experiência da tv em rede nacional. Assim, tínhamos repórteres de várias regiões do país. Nosso objetivo era ter diversidade no ar. E, claro, queríamos ter os diversos sotaques. Mas percebemos que o sotaque muito forte não funcionava em televisão. Com a orientação de Glorinha, partimos para manter os sotaques com o cuidado de suavizá-los. Ela própria ia aos estados, com frequência, para o atendimento.

A fonoaudióloga Cláudia Cotes (2005)¹, da emissora afiliada da Rede Globo em Campinas, ressalta que muita coisa mudou de 1970 para hoje. O texto, a maneira de falar e agir, por exemplo. Também as entoações e os movimentos corporais de um apresentador de telejornal de hoje são muito diferentes dos do Repórter Esso², da década de 1970. A fala é dinâmica, portanto, mutável, e só existe dentro de um contexto (social, econômico, político, psicológico, etc.). Conforme a sociedade muda, as formas de linguagem também sofrem modificações. A maneira de falar das pessoas retrata uma época histórica. Ela explica que, através da história, podemos tentar entender a forma “enlatada” de se narrar. Um telejornal feito com falas “estereotipadas”, em uma época em que o povo brasileiro não podia ter voz, nem expressividade, pode ser um retrato do militarismo: todos narrando da mesma maneira, marcando fortemente quase todas as sílabas tônicas, terminando as frases do mesmo jeito, com excesso de pausas, apresentando poucos movimentos de corpo...

¹Artigo In “Fonoaudiologia e Telejornalismo – Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo”.

²O **Repórter Esso** foi o primeiro noticiário de radiojornalismo do Brasil, transmitido pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. O programa ficou no ar entre 1941 e 1969.

Para Kyrillos (2003), as décadas de 1970/80 foram caracterizadas pelo estilo de narração que exigia do apresentador de telejornal uma postura distante do telespectador. Segundo a autora, a credibilidade estava relacionada com a seriedade. Diante dessa exigência, o que se verificava eram locuções estereotipadas, com limitada variação tonal e poucos movimentos corporais frente às câmeras. Parecia persistir o tom de impessoalidade e de uniformidade. Na década de 1970, surgiu o serviço de fonoaudiologia dentro da televisão brasileira.

A década de 1980 foi responsável por um movimento dos fonoaudiólogos no sentido de rever sua atuação clínica, tirando o foco da doença e redimensionando seu trabalho junto aos denominados profissionais da voz. Somente na década de 1990 é que esse trabalho ganhou força e adentrou em teatros, empresas, emissoras de rádio e televisão.

Hoje sabemos que cada mudança de voz e/ou corpo deve combinar com o conteúdo dito. Assim como utilizamos diferentes roupas para cada situação, a voz e a entoação também devem ser diferentes e específicas, combinando com as palavras.

A fonoaudióloga da TV Tribuna, emissora afiliada da Rede Globo em Santos, Maria Aparecida Coelho (2005)³, avalia que os resultados da parceria da fonoaudiologia com o telejornalismo têm sido bastante positivos. Ela pondera que, certamente, da mesma forma que o jornalismo pôde existir por um bom tempo sem a fonoaudiologia, o jornalista que deseja trabalhar em televisão também não encontra na fonoaudiologia a condição-mor para a execução de suas tarefas. Porém, ela pode ser (e tem sido) extremamente útil e

decisiva para muitos profissionais.

A fonoaudiologia pode treinar os repórteres para serem mais expressivos e fazerem um telejornalismo mais dinâmico e interativo. Há humor, movimentos corporais, movimentos ao vivo, cumplicidade com o telespectador e, mais importante do que isso: junto com a tecnologia, o telejornal de hoje pode mostrar a liberdade de expressão.

■ Um aprendizado

Conforme Kyrillos (2003) destaca apropriadamente, enquanto o verbal é orientado e estimulado na família e na escola e, no decorrer da vida, modifica-se e aprimora-se, os processos não verbais – voz, articulação, modulação, ritmo de fala, gestos, expressão facial – quase sempre se desenvolvem de maneira intuitiva e a maioria das pessoas sabe muito pouco sobre eles. Daí termos pouco controle sobre seus mecanismos.

Portanto, é importante conhecer melhor esses processos não-verbais, a fim de aprender a usá-los com propriedade. A fonoaudióloga Cida Stier (2005)⁴ lembra que é necessário reconhecer inicialmente como falar e como ler com expressividade e entender que são duas coisas totalmente diferentes, que, como resultado final, devem parecer a mesma. Já a lingüista Sandra Madureira (2005)⁵ atesta que toda a fala é expressiva, no sentido de que alguma forma de atitude, emoção, crença, estado físico ou condição social é veiculada por meio da fonação e da articulação dos sons. Portanto, a fala, comumente referida como monótona, também é expressiva. Ela pode ser interpretada pelo ouvinte como indicadora de falta de entusiasmo, apatia, desinteresse, entre

³Artigo In “Fonoaudiologia e Telejornalismo – Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo”

⁴Artigo In “Fonoaudiologia e Telejornalismo – Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo”

⁵Artigo In “Expressividade – da Teoria à Prática”

outros.

Mas, ainda que expressiva, a fala monótona não interessa ao telejornalismo, por razões que já tratamos neste manual. Assim que, para fugir da monotonia, o repórter ou apresentador deve buscar dentro de si um desejo de contar uma história, que deve surgir antes mesmo que ele abra sua boca para narrar o texto. Ao desejar contar, o corpo assume a postura correta, os gestos se dimensionam, a voz encontra seu melhor tom e naturalmente as palavras se tornam mais verdadeiras.

No entanto, além de desejar, o profissional deve saber contar. Mas como? A fonoaudióloga Adriana Campos (2005)⁶, da EPTV, emissora afiliada da Rede Globo em Ribeirão Preto, salientou que o tempo passa, aprende-se a falar, a nadar, e a automatização dos processos envolvidos nessas atividades nos faz acreditar que elas possam acontecer quase sem controle.

No entanto, se a escolha profissional pressupõe que o indivíduo seja um bom comunicador, é preciso “correr atrás” para entender e controlar os ajustes feitos nessa atividade. Aí ela introduz o conceito de “fala construída”, aquela cuidadosamente elaborada com objetivos específicos, que, por isso, deixa de ser “natural”. Mas que fique claro que construir a fala não é dotá-la de artificialidade. Muito diferente disso, a naturalidade é condição exigida em quase todas as profissões nas quais se faz uso profissional da comunicação.

Construir, nesse caso, é envolver-se na compreensão dos processos comunicativos para um fazer mais rico e eficiente. E, se considerarmos todos os recursos possíveis, estaremos trabalhando muito mais do que a qualidade vocal. Estaremos trabalhando a comunicação na situação profissional.

⁶Artigo In “Fonoaudiologia e Telejornalismo – Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo”



Da prática à teoria

■ Da prática à teoria

É claro que é muito louvável buscarmos formas de aprimorar a comunicação (No nosso caso, em telejornais). Mas, provavelmente, não estaríamos discutindo tudo isso se o bom e velho filósofo Aristóteles (384-332 a.C.) não tivesse intercedido por nós, dado o “pontapé inicial” do nosso meio de vida e traçado o *paradigma clássico da comunicação*. Então, vamos a ele:

Há uma “pessoa que fala” (quem); “pronuncia um discurso”, dizendo alguma coisa (o quê); e se dirige a alguém que “a ouve” (a quem).

Só que, por mais bem intencionado que Aristóteles tenha sido ao criar tal paradigma, ele abstraiu desta caracterização do processo de comunicação a estrutura e a função da comunicação na sociedade e, por isso, limitou demais a análise. Foi aí que o cientista político Harold D. Lasswell, em 1948, acrescentou ao paradigma clássico de Aristóteles um “por que meio” (ou um como) e um “com que efeitos” (ou um para quê), formulando um novo modelo teórico da comunicação, com os instrumentos necessários para reflexão sobre o seu uso profissional. A linha que descreve o ato de comunicação passou, então, a ser interrogativa:

“Quem diz o quê, por que meio, a quem e com que efeitos?”

Polistchuk e Trinta (2003) destrincharam e analisaram cada parte deste modelo:

QUEM: A pessoa que fala, que é o sujeito do discurso, o

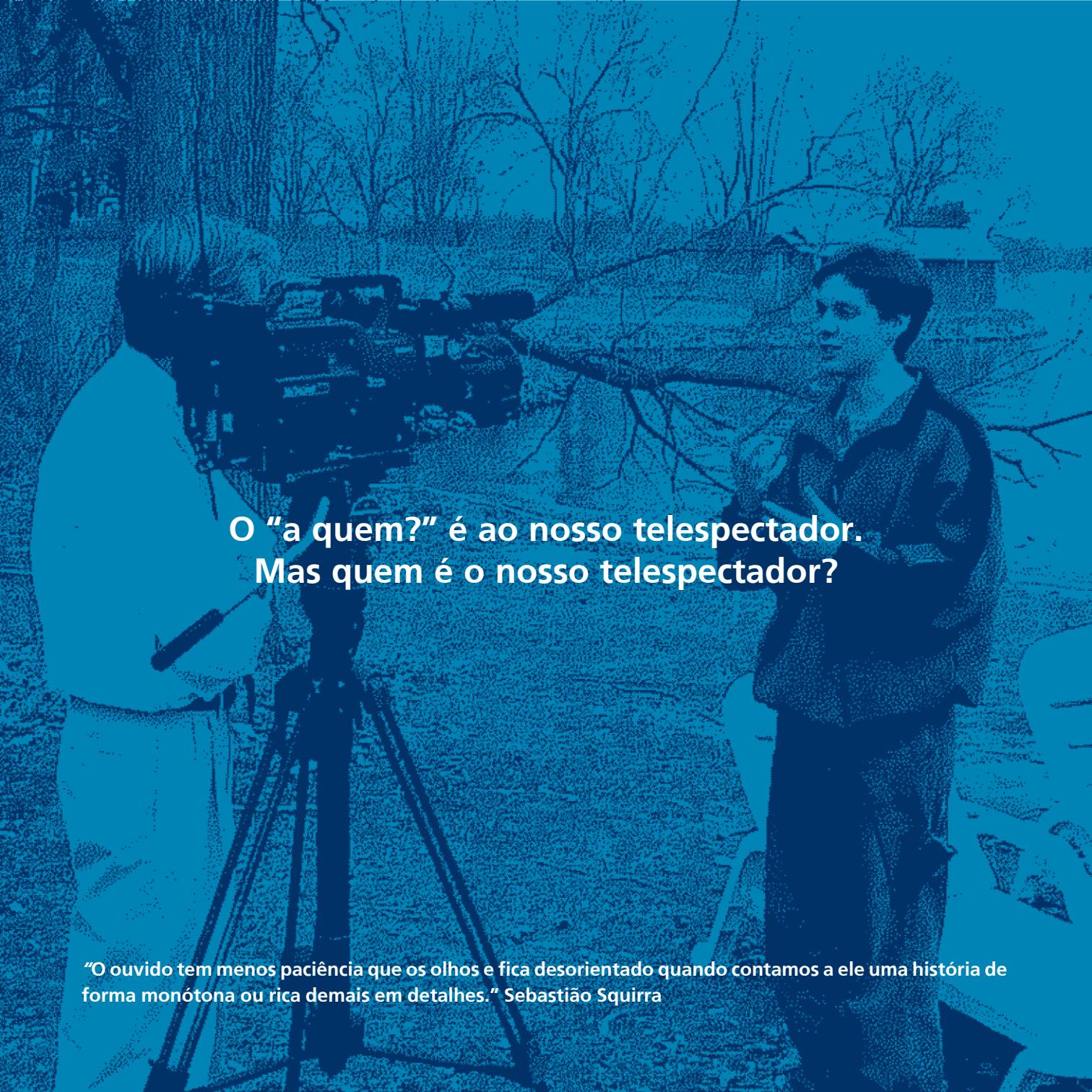
indivíduo que usará profissionalmente o ato da comunicação. A natureza do indivíduo que está falando, assim como sua intenção, determina sua escolha de estratégias para ser expressivo. A expressividade está diretamente relacionada ao bem-estar do falante, nível cultural e atenção deste com o ouvinte.

O QUÊ: Como se constrói o que vai ser falado e quais serão suas características de forma e conteúdo. Uma característica marcante da fala é a elasticidade das suas significações. Uma mesma expressão pode ser mais ou menos clara, apontar significado com maior ou menor exatidão.

POR QUE MEIO: O meio pelo qual aquele falante vai falar estabelece o tipo de interação que será feita com o ouvinte. A distância do falante é importante para que determinemos quais recursos serão mais efetivos para a transmissão da mensagem.

A QUEM: A pessoa que ouve o falante é o motivo de toda a emissão profissional. É ela quem fecha todo o processo e através dela é que se verifica se a emissão foi ou não bem-sucedida. O sucesso da emissão é determinado pela compreensão do ouvinte, muitas vezes pela ação que sua compreensão vai gerar.

COM QUE EFEITOS: O motivo pelo qual se dá a comunicação. No caso da fala construída, nem sempre é dado exclusivamente pela intenção pessoal do falante. O efeito a ser produzido quando se fecha o processo no ouvinte tem compromisso direto com a empresa para qual se trabalha, com o texto que se quer transmitir, com a ação que se pretende gerar como resposta. Se a sua finalidade não for atingida, a comunicação torna-se sem sentido.



O “a quem?” é ao nosso telespectador.
Mas quem é o nosso telespectador?

“O ouvido tem menos paciência que os olhos e fica desorientado quando contamos a ele uma história de forma monótona ou rica demais em detalhes.” Sebastião Squirra

■ O “a quem?” é ao nosso telespectador. Mas quem é o nosso telespectador?

Falamos dos momentos da linha comunicacional de forma teórica e acabamos passando muito rápido pelo “a quem”, o motivo maior dos nossos esforços – o nosso telespectador. Mas qual o perfil deste telespectador; a quem devemos nos dirigir?

Yorke (1998) ensina que, se um “homem do povo” é um conceito muito abstrato, pode-se dirigir a alguém que você conhece: um amigo ou um membro da família sentado em casa, sozinho. Esqueça a câmera. Tente imaginar que está contando sua história apenas para ele ou ela. Sempre devemos ter em conta que não falamos para quem nos rodeia na gravação ou na transmissão, nem para uma audiência numerosa e sim para umas poucas pessoas que nos ouvem em suas casas. Para facilitar esse clima de conversa íntima, alguns apresentadores começam imaginando sua mulher ou seus amigos atrás das câmeras (Confira a entrevista com Rita Batista nas páginas 34 a 36).

Por mais que nos tranquilizemos com estes telespectadores “de casa”, não podemos negligenciá-los e esquecer que eles verão apenas uma vez tudo o que fizermos – e nem sempre nas melhores condições e plenamente atentos. O público, mesmo nas sociedades mais sofisticadas, não costuma entender muito bem os programas de televisão. As interrupções são freqüentes e as pessoas facilmente se

distraem. Diversos experimentos provam que os níveis de compreensão do público que assiste ao noticiário da televisão são bastante baixos.

Teremos, então, que convencê-lo a ouvir o que há para ser dito, prepará-lo para a recepção, chamar a sua atenção. A dinâmica da argumentação do falante baseia-se na sua inter-relação com o ouvinte. A comunicação só é efetiva se for possível a um destinatário entender a mensagem.

Para tanto, devemos cuidar para emitir a mensagem – no caso, a notícia – da forma mais clara possível. Apesar de os telespectadores assistirem à televisão com um certo déficit de atenção, a inflexão errada, a leve hesitação ou o tropeço numa palavra, um olhar oblíquo ou o espasmo de um músculo facial já são matérias para comentário e discussão.

Rezende (2000) destaca que, para ajustarmos nossos recursos de expressividade, é preciso considerar para quem estamos fazendo aquela emissão, onde está essa pessoa com a qual se está interagindo e o momento em que se dá essa recepção. Tempo e espaço devem ser observados. O grau de instrução do ouvinte e a diversidade de situações em que ele pode se encontrar no momento da recepção da mensagem são definitivos para a efetividade da comunicação. Essas questões devem ser observadas durante a produção do texto. É isso que vamos ver no capítulo a seguir.



O texto fala

■ O texto fala

Redigir um texto noticioso não é grande ciência para um jornalista. Essa facilidade para encadear palavras e idéias é o que, de maneira geral, nos levou a cursar uma faculdade de comunicação e optar por ter o Jornalismo como meio de vida. Mas não se engane quem pensa que escrever para a televisão é o mesmo que escrever para um jornal ou revista. Inclusive, talvez leigos não saibam que o texto lido pelo repórter ou apresentador é um texto e está sendo LIDO. Será que os telespectadores têm esse “potencial” de “embarcar” na notícia a ponto de abstrair os meios pelos quais ela é transmitida?

Enfim, pelo menos esta é a intenção dos editores de telejornais. E, para tanto, fazem uso de uma série de artifícios, desconhecidos pelos telespectadores regulares e até por jornalistas que nunca tiveram contato com o meio televisivo. Paternostro (1999) revela que, para o telejornalismo, precisamos redigir como falamos, com os recursos e as virtudes da linguagem coloquial. Portanto, palavras rebuscadas e flexões verbais no futuro são abortadas do texto para televisão. Até porque, em uma conversa informal, falamos “vamos sair hoje à noite” e não “sairemos hoje à noite.”.

O doutor em Fonética César Reis (2005)⁷ reforça que o jornal na tv e no rádio consiste em converter texto escrito em texto oral, procurando-se passar a ilusão de que não se trata de uma leitura, o que é normalmente enfadonho. Mas, como as notícias são curtas e variadas, o jornal torna-se uma “leitura” especial, interessante, animada, sempre relevante, o que é realçado pelas diferentes tomadas da câmera e, às vezes, pela alternância de apresentadores. Passa-se, assim, a ilusão de que o apresentador é a fonte da informação, de que tem tudo

na sua memória e que, naquele momento, está contando o que está acontecendo.

Em telejornalismo, o texto é escrito para ser falado pelo locutor e ouvido pelo telespectador. Pela própria característica dos veículos eletrônicos de comunicação – a instantaneidade, o receptor deve “pegar a informação de uma vez”. Se isso não acontece, o objetivo de quem está escrevendo (e falando) – transmitir a informação – fracassa.

Se você não consegue visualizar um texto “estrito para ser falado”, pense no exemplo dado por Rezende (2000):

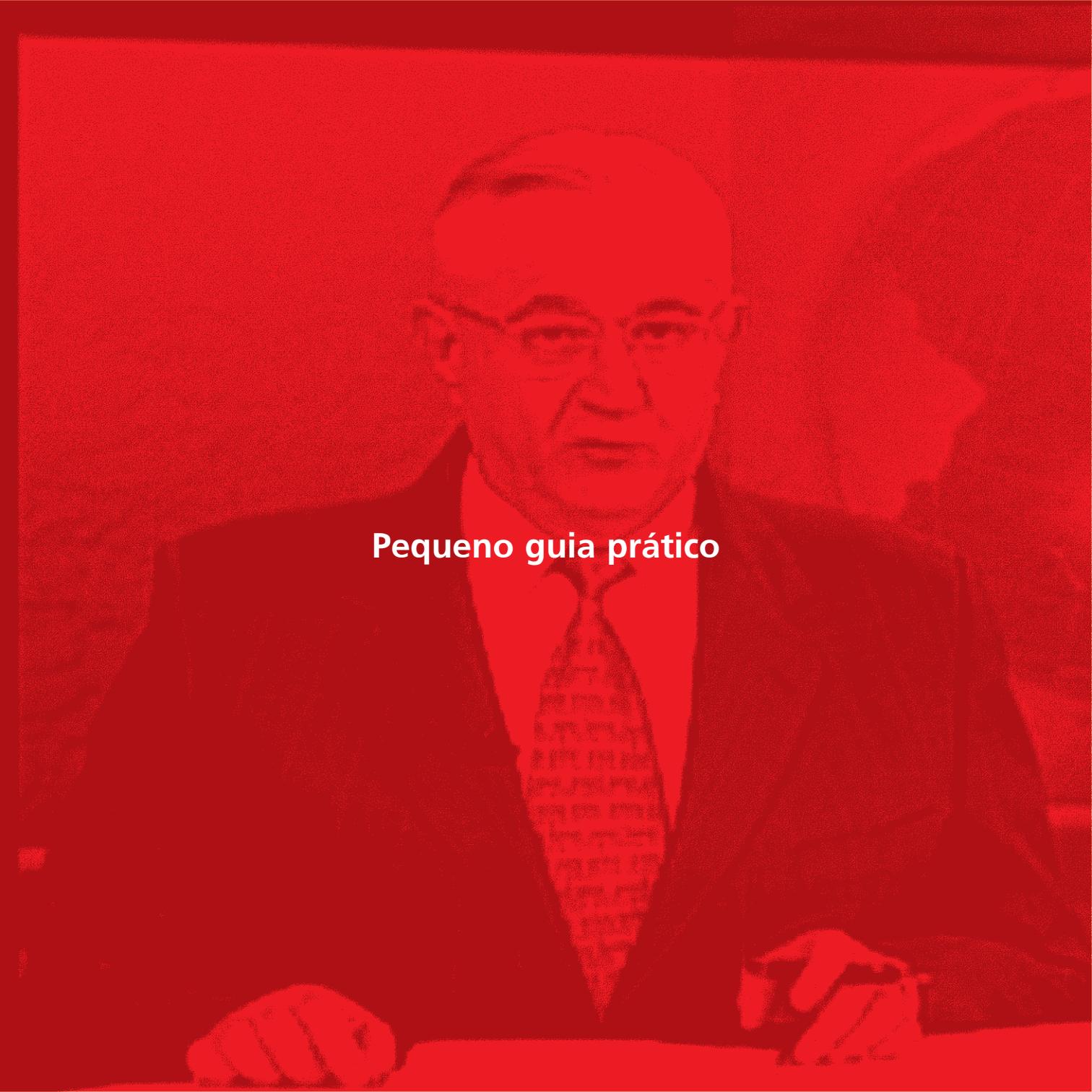
A maioria das pessoas, diante de um conferencista que lê um texto que foi escrito para leitura e não para ser ouvido, tem forte propensão a ficar dispersa, distraída, muitas vezes não se importando sequer se o conteúdo da palestra é de seu interesse. Provavelmente, o nível de atenção da platéia será bem maior caso o conferencista leia um texto produzido para a audição e não para leitura ou fale mesmo de improviso.

Não é verdade? Percebeu agora a diferença?

O editor, responsável por escrever as cabeças⁸ do telejornal, tem que levar em conta que a notícia será lida pelo apresentador. Por isso, ele deve ser o primeiro a ler em voz alta o texto escrito. Com a leitura em voz alta, é possível descobrir alguns erros, tais como: palavras que não soam bem e que, no jornalismo eletrônico, comprometem a sonoridade da frase; palavras mal colocadas, que podem acabar prejudicando o ritmo do texto.

⁷Artigo In “Fonoaudiologia e Telejornalismo – Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo”

⁸Vide glossário no final do manual

A black and white photograph of a man in a suit and glasses sitting at a table. He is looking towards the camera. Another person is partially visible on the right side of the frame, looking down at the table. The text 'Pequeno guia prático' is overlaid in the center of the image.

Pequeno guia prático

■ Pequeno guia prático

A teoria é necessária, mas está na hora da prática, não? Vamos agora a uma seção didática de informações que um bom apresentador ou repórter deve saber para dominar melhor os recursos verbais e não verbais. Com a palavra, as fonoaudiólogas da Rede Globo Cláudia Cotes, Déborah Feijó e Leny Kyrillos:

■ Qualidade Vocal

FREQÜENCIA: A freqüência é o tom que usamos para falar - pode ser grave (grosso), médio ou agudo (fino). É determinada pela velocidade dos movimentos das pregas vocais.

INTENSIDADE: A intensidade ou volume, que no falante comum pode variar de muito fraco a muito forte, deve encontrar um meio termo para uso em vídeo. Lembre-se de que é o microfone que deve amplificar sua voz. Uma intensidade exagerada dá a impressão de que o repórter está gritando, o que não só é desagradável para quem ouve, como cansa quem está falando.

RESSONÂNCIA: A ressonância, isto é, a forma como distribuimos o som nas estruturas da laringe, boca e nariz, deve ocorrer de maneira equilibrada. Por exemplo, quando concentramos o som na cavidade nasal, produzimos a distorção que caracteriza as vozes hipernasais, vulgarmente chamadas de fanhosas. Por outro lado, a concentração do som na laringe produz um tipo de voz que identificamos como “presa na garganta”, sem brilho e projeção.

ARTICULAÇÃO: A articulação dos sons deve ser clara e precisa, isto é, não deve haver troca de sons (entre outras, /p/ por /b/, /f/ por /v/, ou /l/ por /r/), nem distorções ou imprecisões que dificultem a compreensão. Uma pequena distorção do /r/ ou do /s/, por exemplo, chama muito a atenção do telespectador, estabelecendo um ruído na comunicação. Por outro lado,

também se deve evitar a sobrearticulação dos sons, com exagero dos movimentos.

TAXA DE ELOCUÇÃO: A velocidade de fala, que, normalmente, está na faixa de 130 a 180 palavras por minuto. Basicamente, deve-se evitar os extremos, procurando manter uma velocidade média. O ritmo acelerado pode prejudicar a precisão dos sons emitidos, porque, literalmente, não temos tempo para fazer todos os movimentos necessários à perfeita articulação, o que pode tornar a compreensão difícil. Quanto ao contrário, o ritmo excessivamente lento, a atenção e o interesse do telespectador tendem a dispersar-se.

■ Recursos vocais

ÊNFASE: A ênfase funciona como um grifo na emissão. Ela é obtida com reforço na intensidade, articulação mais precisa e velocidade mais lenta.

INFLEXÃO: É uma melodia da fala e pode variar de maneira ascendente ou descendente. Uma inflexão ascendente indica, por exemplo, uma interrogação e, geralmente, está associada a sentimentos mais positivos e alegres. Uma inflexão descendente pode indicar final de emissão ou conclusão de um pensamento, além de ser usada quando nos referimos a fatos mais sérios, ou até mesmo tristes. Um dos erros mais comuns em televisão é o agravamento da emissão e a perda de energia no final da emissão, tornando-a incompreensível. A repetição da musicalidade é outro risco a ser evitado, pois pode tornar o discurso monótono. Enfatizando palavras-chave e variando a inflexão das frases, você poderá evitar esse efeito.

PAUSAS: As pausas fazem parte do discurso e são elementos importantes para a boa compreensão da mensagem. O silêncio também fala e transmite mensagens. Repórteres e apresentadores que não utilizam pausas e, com isso, aceleram muito a fala, comprometem a compreensão e transmitem nervosismo. Por outro lado, o uso exagerado pode tornar o

texto entrecortado, descontínuo. Aproveite-se das pausas, mas não abuse. Às vezes, elas estão relacionadas aos sinais de pontuação e à necessidade de respirar; porém, muitas vezes podem ser utilizadas de forma estratégica, como recurso de interpretação. Sua duração varia: pode ser curta, no caso da pausa respiratória, ou longa, em determinadas situações de fala, quando se tem intenção expressiva.

RITMO: O importante é procurar manter um padrão de articulação adequado, conciliando a boa articulação dos sons ao fluxo de informações num ritmo que mantenha o interesse do telespectador. Na tv, o profissional deve esforçar-se para perceber as variações de velocidade da própria fala e usá-las da forma mais apropriada a cada matéria. Se estiver apresentando uma matéria de esportes, poderá sentir a necessidade de usar uma velocidade mais acelerada e um tom mais agudo, para transmitir entusiasmo e energia. Já numa matéria que mostre, por exemplo, um cortejo fúnebre, uma velocidade um pouco mais lenta e um tom mais grave serão mais apropriados ao conteúdo.

■ Recursos não verbais

MÃOS: Em consonância com os objetivos de clareza,

credibilidade e precisão do telejornalismo, os gestos manuais devem ser sóbrios e variados, enfatizando o que há de mais importante na informação. Assim, os gestos das mãos devem representar o mesmo conteúdo da palavra falada, sem contradizê-la ou anulá-la.

Um erro técnico muito comum é a gesticulação repetitiva; ou seja, o profissional faz sempre o mesmo movimento de mãos, muitas vezes sem que ele guarde relação com a mensagem narrada. Nesses casos, não há tradução do real significado da notícia, mas apenas poluição da imagem. O mesmo ocorre com o excesso de gestos. Geralmente, com a intenção de interpretar, o profissional acaba exagerando no movimento das mãos e a cada três ou quatro palavras faz um gesto, contaminando a imagem e deslocando a atenção do telespectador da mensagem para suas mãos. Por sua vez, a ausência de gestos gera uma sensação de rigidez corporal e apatia, igualmente desagradável.

O gesto deve vir junto com a palavra ou até um pouco antes, nunca depois. Recomendamos que os gestos das mãos sejam realizados no mesmo momento escolhido para a ênfase de uma palavra realmente significativa no texto. Imediatamente após o gesto, as mãos devem entrar em repouso nas posições neutras (Fig. 1), no caso de apresentadores, ou permanecer ao lado do corpo, como que se preparando para outro gesto, no caso de repórteres em passagens⁹ (Fig. 2).

Fig. 1 - Posições neutras das mãos para apresentadores



⁹Vide glossário no final do manual



Fig. 2 - Posições neutras das mãos para repórteres

Na apresentação, os gestos das mãos podem demonstrar idéias de dúvida, tempo ou local, negação, idéia contrária ou enfática. Confira os exemplos (Fig. 3):

Fig. 3 - Opções de gestos para apresentadores



Nas passagens, realizar de dois a quatro gestos é o ideal. Não há necessidade de um gesto para cada palavra importante da frase e nem a ausência de gestos. Veja as opções (Fig. 4):



Fig. 4 - Opções de gestos para reporteres

A mão que segura o microfone não deve demonstrar tensão excessiva, com todos os dedos unidos, nem demonstrar relaxamento total, com os dedos bem separados. A outra mão, principalmente no início de passagem ou do link, deve permanecer neutra. O repórter deve manter uma postura ereta do corpo e uma posição vertical do microfone em relação ao queixo. Não deixe o microfone inclinado (Fig. 5).



Certo



Errado

Fig. 5.

A distância do microfone em relação ao queixo deve variar de acordo com o ruído de fundo do local. Se houver pouco barulho, um palmo abaixo do queixo é o indicado. Caso haja muito ruído, o microfone deve ficar posicionado próximo à boca do repórter, mas abaixo do queixo.

EXPRESSÃO FACIAL: É considerada a principal fonte de informações não verbais, pois apresenta um grande potencial comunicativo, revelando estados emocionais. Quando ocorrem simultaneamente aos movimentos de cabeça e aos gestos das mãos, as expressões faciais podem abrir ou fechar os canais de comunicação, completar ou qualificar respostas verbais ou não-verbais e/ou substituir a fala. Analisemos todos os instrumentos da face que contribuem para a expressividade:

Olhos: Olhos brilhantes demonstram entusiasmo, alegria e vivacidade; olhos baços, desânimo e tristeza.

Sobrancelhas: Com os olhos, revelam os sentimentos da mensagem. Sobrancelhas abaixadas demonstram concentração, reflexão e seriedade, enquanto sobrancelhas elevadas demonstram surpresa, espanto, indignação ou alegria (Fig. 6)

Fig. 6



Boca e lábios: O telespectador tende a ver o rosto na tv em dois planos: do nariz para cima e do nariz para baixo. Como geralmente o plano superior aparece contraído, tenso, em razão da ansiedade, é fundamental caprichar bastante na articulação para atrair a atenção também para o plano inferior, dando a sensação de equilíbrio.

Se o assunto for alegre e descontraído, não tenha medo de sorrir. Essa dica vale tanto para o apresentador quanto para o repórter. Um sorriso aberto ou mesmo um sorriso fechado no início, meio ou final da mensagem irá abrir o canal de comunicação do profissional com o telespectador e a imagem será suavizada, criando maior empatia.

MENEIOS DE CABEÇA: Para baixo, para cima, para frente e/ou para os lados, os meneios de cabeça podem pontuar frases, acompanhar a entonação e reforçá-la. Por outro lado, muitos apresentadores de telejornal movimentam a cabeça sistematicamente enquanto narram e, com isso, acabam por prejudicar sua atuação. Se a completa ausência de movimentos de cabeça gera sensações de apatia e rigidez, sua constância também pode atrapalhar a narração e a expressividade. Então, evite os excessos quando estiver narrando.

Para atingir o equilíbrio, procure pautar os meneios de cabeça

pela entonação da voz. Assim, quando utilizar tons de voz mais graves, nos momentos das ênfases e nos finais das frases, você pode acompanhá-los de meneios para baixo. Uma mudança de assunto é comumente indicada por meneio de cabeça para o lado e perguntas, por um meneio para cima na primeira palavra, quando a voz deve ser mais aguda (Fig. 7).

Fig. 7 - Meneios de cabeça



POSTURA: A boa postura é muito importante para a impositação vocal. Sua alteração influencia diretamente na projeção da voz. Assim, o ideal é manter o tronco ereto e a cabeça com o queixo levemente abaixado, promovendo a livre movimentação da laringe, e os ombros relaxados. No telejornal, as mudanças posturais devem pontuar as passagens de um assunto para o outro. Os movimentos serão sempre pequenos, mas significativos. A simples inclinação do tronco para a frente pode indicar o início de um processo de escuta durante uma entrevista, por exemplo (Fig. 8).

Fig. 8 - Opções de posturas





Ao entrevistar alguém, o repórter deve manter o microfone em frente ao tórax, seguindo uma linha reta, e posicioná-lo levemente inclinado (Fig. 9). O repórter deve ter cuidado com posturas corporais inadequadas ao entrevistar, como ombros caídos, ou cabeça muito para a frente.



Fig. 9.

■ Com que roupa eu vou?

A pergunta que costuma afligir mais as mulheres do que os homens é de extrema importância para o telejornalismo, tanto para apresentadores, quanto para repórteres. Mas, neste caso, ambos devem se preocupar com a aparência, já que, na tv, o profissional fala com o corpo todo, a imagem é fundamental. Portanto, é preciso estar vestido de modo a não dis-

trair a atenção do telespectador: o conteúdo sofre interferência tanto da falta, quanto do excesso.

Yorke (1998) salienta que, tal é o nível de interesse, boatos e comentários, que é possível acreditar que a discussão sobre as notícias que aparecem à noite na televisão gira tanto em torno do que o apresentador estava vestindo – e as especulações

sobre o preço de sua roupa –, quanto a respeito do próprio conteúdo do programa.

A roupa não deveria ser importante, mas é. Se o telespectador focalizar a atenção numa blusa de babados, num decote mais ousado ou num desenho diferente que aparece na gravata, será distraído daquilo que está sendo dito. Repórter e programa perdem, assim, o seu público. Logo, é essencial que a roupa utilizada pelo repórter/apresentador seja discreta, apropriada para a ocasião e SEMPRE lisa, sem estampas.

O mesmo cuidado deve ser tomado com os acessórios: jóias que brilham podem refletir a iluminação do estúdio e projetar clarões irritantes. Longos cordões pendentes, pulseiras e coi-

sas do gênero tendem a ter vida própria no estúdio ou na locação e acabam, com certeza, atraindo a atenção – especialmente quando balançam ao vento, enroscam-se no fio do microfone ou desprendem-se e caem.

Outra preocupação de apresentadores e repórteres deve ser em relação ao penteado. Se for pouco convencional, certamente ficará entre as palavras do profissional e o público, que, rapidamente, identifica mudanças no estilo e na cor. Quem não se lembra quando Fátima Bernardes fez escova japonesa para alisar o cabelo? – notícia de repercussão internacional... Portanto, homens e mulheres: o melhor é uma combinação de elegância com simplicidade.



O apresentador

■ O apresentador

Muito do que um apresentador precisa saber já foi dito. Mas aqui estão algumas informações também importantes.

Um telejornal costuma ter um ou dois apresentadores. No caso de a apresentação ser em dupla, Yorke (1998) ressalta que é necessário que o público acredite que duas pessoas dividem o mesmo estúdio, mesmo que sejam vistas juntas por alguns instantes, somente na abertura e encerramento do programa. Para tanto, é essencial conservar o interesse quando não é a sua vez. Quando seu parceiro terminar uma matéria, a câmera deverá encontrá-lo olhando na direção dele ou dela. Girar a cabeça na direção do público aumentará a impressão de que os dois estão atuando juntos.

Outro quesito fundamental é o santo tele-prompter¹⁰, braço direito e esquerdo do apresentador. Através desse instrumento, o apresentador pode falar diretamente para a pessoa que acompanha o telejornal, em casa, como se falasse de improviso, tal como ocorre em uma relação interpessoal. Dessa maneira, fortalece-se a função fática da linguagem e o telejornalismo quebra a sensação de unidirecionalidade na comunicação.

Vamos agora tratar sobre algumas outras questões com três profissionais atuantes.

■ O que pensam os apresentadores de telejornais baianos?

Além da teoria, busquei aprender com a experiência de apresentadores de telejornais que já estão no mercado há um certo tempo. Vale frisar que o mercado do telejornalismo baiano ainda carece de organização e mobilização – nem todas as emissoras possuem jornalistas de formação atuando. Mas enfim, para atingir o meu objetivo, entrevistei três apresentadores de telejornais de emissoras locais diferentes, com perfis diferentes, que pudessem me acrescentar de alguma maneira, cada um com sua bagagem peculiar. Optei pelos anos de prática e espontaneidade de Casemiro Neto, da TV Bahia, pela irreverência e voz forte feminina de Rita Batista, da TV Aratu, e pela jovialidade e disciplina de Jonny Torres, da TVE. Fiz as mesmas perguntas aos três, para poder comparar os pontos de vista e recursos que fazem o estilo de cada um deles e ter um parâmetro do que fazer – ou não. Todos apresentaram convicções muito particulares sobre como transmitir uma notícia triste, por exemplo. E concordaram que a isenção suprema que se prega na transmissão da notícia fica só no protocolo. Espero que essas entrevistas – e a vivência dos entrevistados – também sirvam de referência e aprendizado para você.

¹⁰Vide glossário no final do manual

■ Casemiro Neto



Formou-se em 1985 em Jornalismo, pela Universidade Federal da Bahia. Desde 1998, apresenta o Bahia Meio Dia, da TV Bahia.

P - Como conquistar a atenção e a credibilidade do telespectador?

R - Eu acho que você conquista a credibilidade sendo o mais natural possível, sendo você mesmo. Na medida que você passa que está se emocionando com determinada notícia, se surpreendendo, não concordando, duvidando da veracidade de determinados fatos... Se você passa essa naturalidade através do olho no olho mesmo, você acaba conquistando o público. Eu sempre faço um exercício bobo que é chavão, mas eu gosto. Quando eu estou falando no Bahia Meio Dia, que é um jornal direcionado principalmente para um público de classe média, média baixa, e para muitos adolescentes, eu falo sempre como se estivesse falando com uma pessoa que não tenha muito conhecimento, porque todo mundo tem que entender a mensagem.

¹¹Vide glossário no final do manual

¹²Vide glossário no final do manual

¹³Vide glossário no final do manual

P - Como fazer de uma notícia interessante? Chega a pensar na “anatomia” das palavras para “contar as histórias”?

R - Tem determinadas palavras que você tem que dar uma acentuação maior para chamar atenção. Tem palavras que têm mais peso, como “protesto”, “morte” e outras que são mais “pra cima”, como “festa”, “alegria”, então essa anatomia é um costume. Na hora, eu sublinho algumas palavras na lauda¹¹ quando elas são importantes e, quando vou falar, dou um destaque maior.

P - Que parcela você atribui ao uso adequado de recursos verbais e gestuais (interpretativos) para a boa compreensão da notícia? De que forma faz uso desses recursos?

R - É meu problema, na verdade. Agora no Bahia MeioDia (25/05) teve uma nota coberta¹² que o editor falou no ponto eletrônico¹³ para eu ler de maneira bem rápida, porque eles só tinham 40 segundos de imagem e a nota, na previsão de tempo na lauda, tinha 52. E aí é um problema a velocidade, porque você tem que dosar o quão rápido você deve ser e tem que saber ler rápido, sem embolar as palavras e articular bem as palavras rapidamente para as pessoas poderem entender. Eu tenho facilidade de falar rápido e entendível. Às vezes, nem tanto. Tem vezes que eu estou dando “Boa tarde, o Bahia Meio Dia fica por aqui...” e falam no meu ponto “Boa tarde e encerra”, você tem que contornar, ter jogo de cintura.

P - Considera possível para parecer natural, crível e, ao mesmo tempo, distante da notícia?

R - Eu acho que não. Pelo menos, no meu caso. Se eu falo que o tomate está mais caro, eu leio aquilo sabendo que a notícia vai afetar a vida de muita gente. Se eu estou lendo que Biriba¹⁴ morreu, eu estou pensando na tristeza da família dele, se eu estou lendo sobre a violência em Barreiras, eu sinto pelo povo da cidade, não tem como não me envolver.

P - Como emocionar, sem se emocionar ou parecer piegas?

R - Achando o ponto certo. Eu faço isso quando apresento aquele quadro “desaparecidos”, na Praça da Piedade, que já ajudou a localizar 4.600 pessoas.

P - Já aconteceu de transparecer algum tipo de emoção com a notícia dada? Como contornou a situação?

R - Eu sou meio manteiga derretida. Já chorei ao vivo, quando me deram um troféu no quadro e aí eu pedi licença e saí pra não ficar chorando no ar. Quando a emoção vem naturalmente, não é sensacionalismo.

P - Faz/fez algum tipo de acompanhamento fonoaudiológico ou cursos de locução para aperfeiçoar a técnica de apresentar um jornal/transmitir uma notícia?

R - Faço seções semanais com a fonoaudióloga da TV Bahia (Terezinha Torres). Ela me passa alguns exercícios, às vezes eu faço, às vezes não faço porque eu esqueço.

P - Como você se avalia, o que você acha que precisa melhorar? Faz ou pretende fazer algo a respeito?

R - Eu preciso trabalhar mais a velocidade da minha fala. Eu tenho procurado falar de maneira mais pausada. Poderia ser menos ansioso, tenho que trabalhar a minha ansiedade. Até para quando eu for entrevistar uma pessoa, eu não ficar agoniado pela falta de informação ou pela prolixidade dela. Tenho trabalhando muito a questão dos gestos com Terezinha. Eu tenho que me conter um pouco, senão eu balanço os braços, balanço as mãos, fujo um pouco dos padrões aqui da Bahia e isso chama muito a atenção. Eles pedem ainda que a gente siga um pouco o padrão antigo, fique preso à cadeira e eu quebro isso. Não porque eu queira, mas porque eu sou assim.

P - Procurou/procura atenuar o sotaque de alguma forma? Por quê?

R - Odeio qualquer tipo de sotaque forçado. Carioca, paulista, nordestino... Eu procuro não ter sotaque. E eu sei que eu não tenho tanto sotaque, porque muita gente pergunta de onde eu sou. Tem gente que acha que eu sou gaúcho. Eu sou de Vitória da Conquista, mas não tenho sotaque de lá. O pessoal de Conquista fala com sotaque meio mineiro, mas como eu moro em Salvador desde os 4 anos de idade...

P - Segue algum ritual, faz algum tipo de exercício ou preparação vocal antes de começar o jornal? Como se concentra? Como trabalha a respiração?

¹⁴Considerado o maior ponta-esquerda da história do Esporte Clube Bahia, campeão brasileiro pelo time em 1959, o jogador **Biriba** faleceu em maio de 2006, após sofrer quatro paradas cardíacas.

R - Eu confesso que não faço exercício por falta de tempo. Às vezes, eu faço no carro. Mas leio todas as laudas antes, marco... Não me preocupo muito com a postura, procuro estar confortável. Às vezes, eu pareço um pouco torto no vídeo, mas eu sou meio torto mesmo! Quanto à respiração, tenho uma dificuldade profunda. Faço exercícios para fortalecer o diafragma. Agora, quando vou ler as laudas, a respiração já flui no lugar certo, no momento certo, já estou acostumado.

P - Que tipo de cuidados tem com a voz (alimentação, sono, hábitos)? Com o comportamento e com a aparência por conta da função que exerce?

R - Bebo água sempre. Mas no carnaval eu faço tudo de errado: tomo sol, tomo gelado e vou para o ar condicionado – e nunca perdi a voz. Com relação à aparência, você tem que se cuidar, para ter uma cara pelo menos apresentável. Quanto à postura, eu me preocupo sempre. Não tiro nunca foto com um copo de bebida na mão e nem com cigarro, que eu fumo

de vez em quando. Nem tiro proveito do fato de ser conhecido. Outro dia fui em um restaurante japonês, que estava com a maior fila de espera. O maître, quando me viu, me ofereceu uma mesa na hora. Eu agradei, mas não aceitei. Não acho justo passar na frente das pessoas por aparecer na televisão.

P - O ponto eletrônico incomoda ou atrapalha?

R - Eu já me acostumei muito, não me atrapalha, não é problema nenhum para mim. Por exemplo, ontem (24/05) eu tinha que chamar uma entrada ao vivo de uma cidade do interior e o link¹⁵ não estava fechando. Fechava e não fechava. Então, quando eu estava chamando o vivo, gritaram “Não chame que não vai entrar!”. Aí quando eu ia improvisar, gritaram “Chame que vai entrar!”. O ponto pode atrapalhar, mas é necessário. Senão corre o risco de você ficar enrolando, com cara de paisagem no ar e a matéria não entrar, por exemplo.

¹⁵Vide glossário no final do manual

■ Rita Batista



Formou-se, em 2002, em Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica do Salvador. Apresenta o Aratu Notícias Primeira Edição, da TV Aratu, desde setembro de 2004. É também locutora e apresentadora da Rádio Metrôpole.

P - Como conquistar a atenção e a credibilidade do telespectador?

R - Acho que é importante você acreditar no que você está lendo e falando, porque, se você não acreditar, ninguém vai acreditar em você. E passar veracidade na informação, acompanhar a apuração das notícias, a edição do jornal. E a gente também tem que ser coloquial, até porque o jornal que eu apresento é mais voltado para o público das classes C, D e E. Mas não pode ser coloquial demais.

P - Como fazer de uma notícia interessante? Chega a pensar na “anatomia” das palavras para “contar as histórias”?

R - Eu penso. Geralmente quando é notícia de morte eu baixo mais o tom, fecho um pouco os lábios, faço uma cara mais

séria, flexiono as palavras sempre para baixo. Tento mexer o mínimo a boca pra não mostrar os dentes e não parecer que eu estou sorrindo. Até porque, às vezes quem está assistindo conhecia a pessoa que morreu, não estava sabendo e a gente lá na hora do almoço dando uma notícia dessa; tem que ter cuidado. Quando é uma notícia mais alegre, você já fala mais “pra cima”. Quando a notícia não é tão interessante, eu me apego a algum detalhe do texto para frisar e tentar chamar atenção para ele de alguma forma.

P - Que parcela você atribui ao uso adequado de recursos verbais e gestuais (interpretativos) para a boa compreensão da notícia? De que forma faz uso desses recursos?

R - Acho importante para o texto sair melhor. Eu uso muito a sobancelha, tenho muitas caras e bocas, sou muito performática. A mão ajuda muito quando tem valores, números, por exemplo, “primeira, segunda e terceira etapa”, é legal mostrar isso com os dedos. Quando tem notícia de polícia, de violência, você mostrar que está irritado com aquilo também.

P - Considera possível para parecer natural, crível e, ao mesmo tempo, distante da notícia?

R - É difícil essa coisa da distância. Ao vestir o blazer e tirar os brincos, eu visto um personagem. Apesar de pregarem a isenção no jornalismo, eu acho isso meio dúbio, porque tem coisas que te comovem, tem coisas que você engasga. Por exemplo, com notícias de polícia que chegam de última hora, envolvendo crianças principalmente. Tudo bem que você não tem que demonstrar emoções, não tem que chorar, não tem

que gargalhar. Mas se for uma notícia divertida, não tem nada demais dar um risinho. Quando uma matéria termina com uma sonora engraçadíssima e tem uma nota pé¹⁶, não tem como não rir...

P - Como emocionar, sem se emocionar ou parecer piegas?

R - Por mais que eu conheça o entrevistado, ninguém precisa saber disso. Por exemplo, Mariene de Castro é minha amiga pessoal, mas eu não preciso mostrar na bancada no jornal: "Ai, minha amiga querida. E aí, como é que você tá? E o filho, e Jota (marido dela)?" . Acho que não precisa dessa intimidade porque quem está te vendo não tem essa intimidade. E tem entrevistados que eu não vou com a cara mesmo, mas ninguém precisa saber disso, eu estou ali só prestando serviço, viabilizando a informação. Sou só o elo entre a notícia e o telespectador.

P - Já aconteceu de transparecer algum tipo de emoção com a notícia dada? Como contornou a situação?

R - Eu sempre engasgava quando ia falar sobre o caso de Lucas Terra¹⁷, principalmente quando tinha imagem, porque era um negócio tão bárbaro... Mas o texto te dá um norte. Já em uma entrevista, por exemplo, fica mais difícil. Quando eu entrevistei o pai dele, no dia do resultado do primeiro julgamento, foi bem rapidinho, de última hora, eu travei. Era o pai do menino, que tinha sofrido aquilo tudo, então eu me ative às perguntas básicas, sem maiores interrupções, sem querer

réplica, ou tréplica. Eu perguntava, ele respondia e eu já ia com outra pergunta, para não dar tempo de eu transparecer alguma emoção e acabar chorando no ombro dele.

P - Faz/fez algum tipo de acompanhamento fonoaudiológico ou cursos de locução para aperfeiçoar a técnica de apresentar um jornal/transmitir uma notícia?

R - Já fiz curso de locução, que foi até o curso do sindicato dos radialistas, foi bem bacana. E faço seções com uma fonoaudióloga, ela é ótima. E depois que eu coloquei aparelho, tive que fazer mesmo, porque cada aperto de aparelho... O acompanhamento fonoaudiológico faz toda a diferença. Você não se cansa tanto, aprende a respirar – respiração é tudo. É muito ruim você estar lendo o texto e, de repente, respirar no lugar errado. Você se perde e a frase perde o sentido. Aprendi também a beber água o tempo todo, para lubrificar as cordas vocais.

P - Como você se avalia, o que você acha que precisa melhorar? Faz ou pretende fazer algo a respeito?

R - Acho que eu tenho que melhorar muito. Sinto muita falta da formação do jornalismo, porque sou radialista. Acho que quando fizer uma faculdade de jornalismo, vou aprender a adequar melhor a técnica ao texto, por passar a entender mais sobre a construção do texto.

P - Procurou/procura atenuar o sotaque de alguma forma? Por quê?

¹⁶Vide glossário no final do manual

¹⁷ Em 2001, o menino baiano **Lucas Terra**, então com 14 anos, foi queimado vivo por um pastor de uma igreja evangélica, supostamente para encobrir vestígios de pedofilia.

R - O engraçado é que todo mundo acha que eu não sou daqui, sempre me perguntam de onde eu sou, acham que eu sou de um lugar híbrido. E isso é involuntário. E olha que eu acho o regionalismo importante. Quando você ouve uma pessoa de Pernambuco, ou daqui, ou de São Paulo, você tem que identificar a procedência dela. Não concordo com esse negócio de uniformização e padronização dos sotaques.

P - Segue algum ritual, faz algum tipo de exercício ou preparação vocal antes de começar o jornal? Como se concentra? Como trabalha a respiração?

R - Eu sempre fico com o pé no chão, para me dar mais segurança. Não fico com as pernas voando. E procuro encaixar a coluna, porque tem uma hora que cansa, se você não estiver com algum apoio, não dá. A primeira coisa que eu faço quando chego para sentar é ajustar a cadeira. Leio as cabeças¹⁸ antes, óbvio, duas vezes. Leio com os dentes cerrados, faço exercícios, mas não desaqueço a voz nunca. Quanto à concentração, sei que, naquele momento de apresentação do jornal, sou eu e a câmera, então traço um foco, estou ali lendo pra um telespectador. Não me preocupo com o cinegrafista

que está atrás, com meu colega que está do lado, para mim sou eu e alguém, uma pessoa me ouvindo.

P - Que tipo de cuidados tem com a voz (alimentação, sono, hábitos)? Com o comportamento e com a aparência por conta da função que exerce?

R - Tento beber muita, muita água, vários copos por dia, mas às vezes eu esqueço. Faço os exercícios, não fumo, não bebo, tento não perder noite durante a semana. A minha postura é a mesma, apesar de as pessoas acharem que existem duas "Ritas" diferentes, a da tv e a do Rádio. A aparência é um saco, tem que alisar o cabelo de três em três meses pra não ficar com o cabelo black power, tem que fazer sobancelha, tem que fazer unha, tudo pela televisão.

P - O ponto eletrônico incomoda ou atrapalha?

Não me incomoda, nem atrapalha. Eu abstraio o ponto completamente, tanto que o diretor de tv já sabe que, se falar enquanto eu estiver fazendo a entrevista, vai ter que repetir depois.

¹⁸Vide glossário no final do manual

■ Jonny Torres



Formou-se, em 2002, em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia. Desde 2004, apresenta o TV Revista, da TVE.

P - Como conquistar a atenção e a credibilidade do telespectador?

R - Eu procuro ser o mais natural possível para passar a notícia. Me preocupo com a exatidão, claro, mas, principalmente, em fazer com que a transmissão pareça com uma conversa com o telespectador. Não pode ser uma conversa despreziosa. Você tem que começar a notícia dizendo “preste atenção, eu tenho alguma coisa para falar para você”. Para isso, eu ataco a notícia, a lauda que eu tenho que ler, e tento passar, através da expressão facial, que é uma notícia de importância.

P - Como fazer de uma notícia interessante? Chega a pensar na “anatomia” das palavras para “contar as histórias”?

R - Cada notícia tem sua particularidade. Em notícia de polícia, o que eu procuro fazer é dar uma urgência. Aí a locução já fica um pouco mais rápida, os pontos todos bem marcados.

Em matérias de cultura você pode ficar um pouco mais solto, pode sorrir, flexionar mais as locuções, as pausas podem ser um pouco maiores, isso acaba construindo uma maneira de se comunicar com o telespectador.

P - Que parcela você atribui ao uso adequado de recursos verbais e gestuais (interpretativos) para a boa compreensão da notícia? De que forma faz uso desses recursos?

R - Eu acho que uma comunicação que funciona deve 50% a um bom texto e 50% a uma boa locução. Gestos são fundamentais: quando você quer explicar alguma coisa, você abre as duas mãos, quando quer pontuar, faz o movimento com uma das mãos, marcando as pontuações, quando são vários dados, vai marcando com as mãos e os punhos dobrados. Eu procuro tomar cuidado com os meneios de cabeça para não ficar caricato, exagerado. Às vezes, numa tentativa de transformar a apresentação numa conversa, muita gente acaba exagerando, o que prejudica a seriedade. Eu evito também usar a sobrelanceira demais; muita gente levanta demais a sobrelanceira quando quer dar uma notícia de forte impacto. Eu prefiro valorizar mais a locução, variando a velocidade, fazendo pausas.

P - Considera possível para parecer natural, crível e, ao mesmo tempo, distante da notícia?

R - Acho difícil porque a gente não dá notícias sobre Marte, sobre a lua, a gente dá notícias sobre a vida da gente mesmo. A gente está aqui enquanto jornalistas, entramos no estúdio e vestimos uma capa para nos transformarmos em apresentadores, plugados nas coisas que acontecem lá fora porque nós também vivemos. Mas como a gente tem a obrigação primei-

ra de levar a informação, às vezes a gente suprime o lado pessoal, qualquer tipo de influência que as notícias possam ter sobre a gente. Às vezes, a gente não é nem verdadeiro quando lê uma notícia completamente alheio, sem transparecer que aquela notícia tem uma influencia sobre a gente.

P - Como emocionar, sem se emocionar ou parecer piegas?

R - Tem que mostrar ao telespectador que a notícia é interessante. Às vezes é exatamente o contrario, é uma notícia que não tem nada a ver, que não é nem tão interessante, mas que você tem que vender. O que a gente quer dizer é isso, “A notícia é ótima, vai ser muito importante para a sua vida”, mas às vezes as pessoas se empolgam demais e acabam perdendo a naturalidade e valorizando mais do que a notícia “merece”, isso é arriscado.

P - Já aconteceu de transparecer algum tipo de emoção com a notícia dada? Como contornou a situação?

R - Outro dia chegou na minha mão uma noticia que eu tinha que dar sobre a morte de Calasans Neto, um amigo pessoal. Ele morreu de madrugada e eu estava apresentando o Economia & Política¹⁹. A noticia chegou no final do jornal e eu li. Não sabia que ele tinha morrido, fiquei sabendo ali na hora e, quando eu percebi que era Calasans Neto, meu amigo, foi difícil de segurar, mas acho que até pelo inusitado da coisa, pela surpresa tão grande, eu acabei conseguindo concluir a nota sem transparecer para o público uma emoção maior. Desabei só depois do jornal, foi complicado. E, por outro lado,

uma vez em Feira de Santana, quando estava fazendo uma entrevista para o TV Revista, eu chamei para entrar uma reportagem da qual meu pai era personagem. Ele falou sobre o surgimento do meu núcleo familiar em Feira de Santana, declamou uma poesia e isso acabou me balançando positivamente, mas deu para segurar.

P - Faz/fez algum tipo de acompanhamento fonográfico ou cursos de locução para aperfeiçoar a técnica de apresentar um jornal/transmitir uma notícia?

R - Fiz no começo, por conta própria, pagando do meu bolso. Fiz, logo quando cheguei na TV Educativa, um curso oferecido por eles com a fonográfica Ana Ribeiro. Mas aí o curso acabou e eu tive que fazer por conta própria, lendo livros. Também pego informações de pessoas que estão há mais tempo no mercado, têm mais experiência, e às vezes gravo e ouço outros apresentadores.

P - Como você se avalia, o que você acha que precisa melhorar? Faz ou pretende fazer algo a respeito?

R - Ah, eu preciso melhorar um bocado de coisas! A gente que trabalha em televisão nunca gosta de se ver, sempre acha um defeito. Toda vez que eu revejo o TV Revista eu acho um defeito. Eu tenho dificuldade para falar quando tem muitas palavras com “s” seguidas, então acabo chiando demais quando vou falar palavras seguidas com “s” final, como por exemplo “os novos formatos que vão ser exibidos”. O primeiro e o segundo até que saem “s” limpos, mas do terceiro em diante eu já chio tudo, aí eu procuro dar uma treinada em casa. Ain-

¹⁹ Telejornal matutino da TVE

da não corrija essa dificuldade, mas vou conseguir!

P - Procurou/procura atenuar o sotaque de alguma forma? Por quê?

R - Eu não acho que o sotaque seja uma coisa ruim, ele faz parte da sua personalidade. Mas como a gente está falando para quase todo o estado no TV Revista e cada município tem uma característica própria de falar, acho que a gente tem que suprimir o sotaque mais carregado, o exagero. Eu sou de Feira de Santana e as pessoas lá “cantam” mais que os soteropolitanos, então eu tive que suprimir isso um pouquinho. E também tive que trabalhar algumas coisas do jeito de falar do soteropolitano. Por exemplo, eu fecho o “o”, não falo ele tão aberto, nem tão cantado. Agora, quanto tem que falar “e”, eu falo “e”, não falo “ê”.

P - Segue algum ritual, faz algum tipo de exercício ou preparação vocal antes de começar o jornal? Como se concentra? Como trabalha a respiração?

R - Faço exercícios de aquecimento vocal. Uns logo de manhã, quando eu acordo, para soltar a musculatura da mandíbula, a língua, toda a articulação. É a minha primeira atividade da manhã, faço isso quase todos os dias. E na TV, antes de começar o jornal, eu leio parte das laudas com a boca fechada e passo o texto todo. Quanto à respiração, no TV Revista são 33 laudas para ler em uma hora, não dá tempo de pensar muito na respiração, dá tempo só de respirar – e às vezes nem de respirar! Quando tem um vt no ar, geralmente dá para ler a lauda seguinte, fazer a marcação da respiração, mas às vezes não dá. Hoje mesmo (23/05) vieram três notas seguidas, foi 1’40” falando sem parar. E nota é uma coisa mais corrida,

então você tem que acelerar. Mal tem tempo de respirar, quanto mais de pensar na respiração.

P - Que tipo de cuidados tem com a voz (alimentação, sono, hábitos)? Com o comportamento e com a aparência por conta da função que exerce?

R - Eu bebo muita água, parei de tomar água gelada, não fumo. Com a aparência eu sou muito desleixado, deveria me preocupar um pouco mais. Tenho só os cuidados básicos. Agora, quando eu saio da TV, eu viro Jonny, mais natural do que eu sou no TV Revista.

P - O ponto eletrônico incomoda ou atrapalha?

Ele é uma ferramenta importantíssima, mas como qualquer outra ferramenta que não é utilizada da maneira correta, atrapalha. O ponto incomoda quando alguém fala o que não devia falar no horário do jornal, faz comentários que podiam ter sido ditos depois do jornal, isso acaba tirando a concentração de quem está apresentando. Mas, na maioria das vezes, o ponto é necessário porque passa o encaminhamento do jornal e a gente pode se preparar um pouco para não cometer erros.

■ Está tudo muito bem, está tudo muito bom. A maioria dos apresentadores e repórteres costuma achar que aplica os recursos verbais e não verbais de forma correta – pelo fato de, a princípio, se esforçarem para tanto. Então, pedi que a fonoaudióloga da TV Bahia, Terezinha Torres, avaliasse a utilização de tais recursos por parte de apresentadores e repórteres de emissoras locais, para saber se os esforços dos profissionais estão sendo bem empregados.

■ A voz do profissional

Como amostragem para a avaliação da fonoaudióloga da TV Bahia, Terezinha Torres, gravei, por três dias consecutivos do mês de maio, os telejornais de uma mesma faixa-horária de três emissoras locais diferentes. Por questões éticas, foram omitidos os nomes das emissoras e dos respectivos profissionais. Confira o diagnóstico dos apresentadores feito por ela. Para uma maior compreensão, considere a ressonância como a localização da voz (que pode ser distribuída entre laringe, boca e nariz), o pitch como tom e o loudness como intensidade da voz. Coordenação pneumofonoarticulatória é a capacidade de harmonizar bem a respiração com a fala e a articulação. Entre os parâmetros de avaliação dos recursos verbais utilizados, as ênfases são os destaques dados a determinadas palavras, que o profissional acha importantes, e a entoação é a variação do tom da voz. E entre os critérios de julgamento do emprego dos recursos não verbais, vale ressaltar que meneio de cabeça é o mesmo que movimento de cabeça.

Confira os padrões adequados para o telejornalismo:

TIPO DE VOZ: Deve ser NEUTRO, sem alterações. A voz deve ser clara, sem rouquidão, aspereza ou soprosidade.

RESSONÂNCIA: Deve ser equilibrada, utilizando de forma adequada toda a caixa de ressonância, sem um foco predominante.

PITCH (TOM): Espera-se um tom de voz médio, que possibilite as variações necessárias durante a narração do texto.

LOUDNESS (INTENSIDADE): Também deve ser média, permitindo as adequações necessárias ao contexto.

ARTICULAÇÃO – É necessário que seja precisa, sem nenhuma alteração ou distorção.

COORDENAÇÃO PNEUMOFONOARTICULATÓRIA – O profissional deve ser capaz de coordenar perfeitamente a sua respiração com a emissão da fala.

ATAQUE VOCAL – Refere-se ao início da emissão. Não deve ser brusco, aspirado ou soproso.

RECURSOS VOCAIS (O COMO DIZER): Referem-se aos parâmetros paralinguísticos que compõem a emissão. Falamos aqui sobre ênfase, a curva melódica, o uso das pausas e às modificações da velocidade, do loudness, do ritmo, com intenção comunicativa.

RECURSOS NÃO-VERBAIS: Englobam o corpo como canal de expressão. Consideramos a postura corporal, o uso dos gestos e a expressão facial, complementando a percepção no vídeo. Junto com os recursos vocais, respondem por cerca de 80% da mensagem.

Emissora 1

Apresentador A

1. QUALIDADE VOCAL

TIPO DE VOZ: Neutra (sem alterações)

RESONÂNCIA: Foco nasal compensatório

PITCH (TOM): Médio/agudo

LOUDNESS (INTENSIDADE): Médio

ARTICULAÇÃO: Imprecisa

COORDENAÇÃO PNEUMOFONOARTICULATÓRIA:
Ausente

ATAQUE VOCAL: Brusco

2. RECURSOS VOCAIS (ASPECTOS PROSÓDICOS)

Inadequados

ÊNFASE: Não adequada, deslocada e excessiva, com predomínio de intensidade

PAUSAS: Expressivas e respiratórias inadequadas

ENTOAÇÃO (VARIAÇÃO DE TOM): Ascendente/
repetitiva

RITMO: Repetitivo

TAXA DE ELOCUÇÃO (VELOCIDADE): Sem variações

3. RECURSOS NÃO VERBAIS

Inadequados

EXPRESSÃO FACIAL: Olhos e lábios inexpressivos

POSTURA CORPORAL: Tensa

MENEIOS DE CABEÇA: Inadequados – bruscos e repetitivos

GESTOS: Inadequados

CONCLUSÃO:

A qualidade vocal apresentou alterações na articulação, coordenação pneumofonoarticulatória e ataque vocal. Os recursos vocais (o como dizer) necessitam ser trabalhados, assim como os recursos não verbais (expressão facial, postura, gestos e meneios de cabeça).

Emissora 2

Apresentador B

1. QUALIDADE VOCAL

TIPO DE VOZ: Neutra (sem alterações)

RESSONÂNCIA: Equilibrada

PITCH: Médio

LOUDNESS: Médio

ARTICULAÇÃO: Imprecisa

COORDENAÇÃO PNEUMOFONOARTICULATÓRIA:
Presente

ATAQUE VOCAL: Brusco

2. RECURSOS VOCAIS (ASPECTOS PROSÓDICOS)

Inadequados

ÊNFASE: Adequada – predomínio da intensidade

PAUSAS: Expressivas e respiratórias adequadas

ENTOAÇÃO: Adequada

RITMO: Inadequado

TAXA DE ELOCUÇÃO: Inadequada

3. RECURSOS NÃO VERBAIS:

EXPRESSÃO FACIAL: Adequada

POSTURA CORPORAL: Inadequada

MENEIOS DE CABEÇA: Adequados

GESTOS: Adequados

CONCLUSÃO:

Qualidade vocal com alterações na articulação e ataque vocal. Recursos vocais com ênfases repetitivas, ritmo inadequado e taxa de elocução também inadequada.

Apresentador C

1. QUALIDADE VOCAL

TIPO DE VOZ: Neutra (sem alterações)

RESSONÂNCIA: Equilibrada

PITCH: Médio/agudo

LOUDNESS: elevado

ARTICULAÇÃO: Precisa

COORDENAÇÃO PNEUMOFONOARTICULATÓRIA:
Presente

ATAQUE VOCAL: Sem alterações (isocrônico)

2. RECURSOS VOCAIS (ASPECTOS PROSÓDICOS)

ÊNFASE: Adequada

PAUSAS: Expressivas e respiratórias adequadas

ENTOAÇÃO: Inadequada

RITMO: Adequado

TAXA DE ELOCUÇÃO: Adequada

3. RECURSOS NÃO VERBAIS

EXPRESSÃO FACIAL: Inadequada

POSTURA CORPORAL: Adequada

MENEIOS DE CABEÇA: Exagerados

GESTOS: Adequados

CONCLUSÃO:

Qualidade vocal com alterações no pitch, que algumas vezes é muito agudo, e no loudness, em alguns momentos exagerado. Recursos vocais com entoação em alguns momentos inadequada. Quanto aos recursos não verbais, os meneios de cabeça estão inadequados.

Emissora 3

Apresentador D

1. QUALIDADE VOCAL

TIPO DE VOZ: Neutra (sem alterações)

RESSONÂNCIA: Equilibrada

PITCH: Médio

LOUDNESS: Médio

ARTICULAÇÃO: Imprecisa

COORDENAÇÃO PNEUMOFONOARTICULATÓRIA:
Presente

ATAQUE VOCAL: Adequado (isocrônico)

2. RECURSOS VOCAIS

Inadequados

ÊNFASE: Adequada, com predomínio de intensidade

PAUSAS: Expressivas e respiratórias adequadas

ENTOAÇÃO: Repetitiva

RITMO: Repetitivo

TAXA DE ELOCUÇÃO: Adequada

3. RECURSOS NÃO VERBAIS

EXPRESSÃO FACIAL: Inadequada

POSTURA CORPORAL: Inadequada

MENEIOS DE CABEÇA: Inadequados

GESTOS: Adequados

CONCLUSÃO:

Qualidade vocal com alterações na articulação. Recursos vocais com alterações na ênfase, com predomínio de um só recurso, ritmo repetitivo. Recursos não verbais com alterações na postura, expressão facial e meneios de cabeça.

Apresentador E

1. QUALIDADE VOCAL

TIPO DE VOZ: Neutra (sem alterações)

RESONÂNCIA: Foco nasal compensatório

PITCH: Médio

LOUDNESS: Médio

ARTICULAÇÃO: Imprecisa

COORDENAÇÃO PNEUMOFONOARTICULATÓRIA:

Presente

ATAQUE VOCAL: Adequado (isocrônico)

2. RECURSOS VOCAIS

Adequados

ÊNFASE: Adequada

PAUSAS: Expressivas e respiratórias adequadas

ENTOAÇÃO: Adequada

RITMO: Adequado

TAXA DE ELOCUÇÃO: Adequada

3. RECURSOS NÃO VERBAIS

EXPRESSÃO FACIAL: Adequada

POSTURA CORPORAL: Adequada

MENEIOS DE CABEÇA: Adequados

GESTOS: Adequados

CONCLUSÃO:

Qualidade vocal com alterações na articulação e foco de ressonância.

■ Dicas aplicadas

Já foram apresentadas algumas recomendações das fonoaudiólogas da Rede Globo Cláudia Cotes, Déborah Feijó e Leny Kyrillos para o emprego dos recursos verbais e não verbais. Agora, aqui estão dicas mais diretas, aplicadas a situações típicas que o apresentador enfrenta: a gravação da chamada, as leituras da escalada e das cabeças e a realização de entrevistas. As dicas foram divididas em “voz” e “corpo”, para facilitar a compreensão.

CHAMADA: Frases curtas que anunciam as notícias que serão apresentadas no telejornal. É gravada para ser passada durante a programação da emissora.

Voz: Tratando-se de frases curtas, a voz deve ter uma intensidade um pouco mais forte do que a narração normal, com mais inflexões e maior aceleração.

Corpo: Geralmente, as chamadas iniciam em close, com o rosto em plano fechado, o que ressalta bastante a expressão facial. Elevação ou abaixamento das sobrancelhas nas ênfases, meneios de cabeça, para baixo e para cima, e sobrearticulação são indicados.

ESCALADA: Abertura do jornal, formada por uma série de chamadas que têm por função despertar a atenção do telespectador. Em geral, compõem-se de frases curtas e de impacto. A maior parte dos apresentadores acredita que este seja o momento que lhes exige maior empenho.

Voz: A voz deve ter maior intensidade. As inflexões são acentuadas e a articulação, bem definida, sem exageros. Atenção aos finais de emissão: eles devem ser bastante claros. Como se trata de vários assuntos diferentes, marcar o término de cada mensagem e a mudança de assunto é fundamental para a clareza da recepção. O objetivo é que o telespectador compreenda a notícia e se interesse por ela.

Corpo: Geralmente, o rosto do apresentador está em close. Por isso, expressões faciais e meneios de cabeça devem acompanhar as ênfases dos textos. A sobrearticulação também é um recurso indicado para prender a atenção do telespectador. Se o assunto for esporte, abra bem os lábios, principalmente nas vogais /é/, /ê/ e /i/, como num largo sorriso, sugerindo entusiasmo e alegria.

CABEÇA²⁰: É a parte da matéria lida pelo apresentador no estúdio.

Voz: Ritmo e intensidade diferentes da escalada, em tom mais coloquial, mas com intenção de despertar o interesse do telespectador pela reportagem. As características vocais devem se modificar de acordo com o conteúdo da mensagem.

Corpo: O plano de câmera mais utilizado é o médio, mostrando o apresentador com os braços sobre a bancada ou um pouco mais fechado, na direção dos ombros. Se o plano for mais aberto, utilize gestos manuais, movendo as mãos com delicadeza e segurança. Você pode diversificar seus marcadores corporais no momento da ênfase, utilizando ora as mãos, ora a expressão facial, ora a mudança de postura ou, ainda, todos esses recursos de uma só vez, harmoniosamente. Mas, bom senso! Tudo depende do texto narrado e de não exagerar na dose: a falta, como o excesso de marcadores corporais, pode comprometer o dinamismo, a clareza e a precisão da comunicação. Conteúdos pesados, como morte, apreensão de drogas e violência, devem ser narrados com poucos movimentos manuais e a postura para frente, na bancada. Mantenha as sobrancelhas baixas e a articulação precisa. Conteúdos leves e alegres são acompanhados de sobrancelhas elevadas, olhos mais abertos, tronco para trás em relação à bancada e articulação bem aberta.

²⁰Vide glossário no final do manual

ENTREVISTA: É um diálogo entre o apresentador e um entrevistado, feito por meio de perguntas que visam obter informações jornalísticas. Há entrevistas individuais ou coletivas, feitas no estúdio ou fora dele.

Voz: O diálogo deve ser coloquial, sem ser informal demais. Exige do apresentador maior habilidade e capacidade de modificar rapidamente a linguagem e a voz.

Corpo: Caso esteja sendo filmado, mostre-se atento à emissão do entrevistado, demonstrando, com o corpo, interesse pelo assunto. Não é preciso menear a cabeça para baixo e para cima, em sinal de assentimento. Esteja consciente de que, ao mexer a cabeça ou o corpo, você estará emitindo opiniões, o que não é seu papel naquele momento. Olhos atentos ao entrevistado e expressão facial neutra, de preferência séria, sem sorrisos ou caretas.

Se a entrevista for no estúdio, os dois cenários mais comuns são bancada ou poltronas. Na bancada, mantenha o tronco ereto, com o antebraço e as mãos nela apoiados. Seja durante a sua fala ou a do entrevistado, evite apoiar os cotovelos na bancada, apontando os antebraços e as mãos para cima, segurando o queixo ou posicionando as mãos em frente aos

lábios. Essas posições de corpo sugerem uma atitude de desconfiança. Utilize as posições neutras das mãos²¹ enquanto o entrevistado estiver falando. Cabeça virada na direção do entrevistado e olhos atentos pra quem está falando é o mais correto nessas ocasiões.

Entrevistas com pessoas sentadas em poltronas exigem uma postura adequada do corpo inteiro e não somente de braços, mãos e cabeça, mas também de pernas e pés. Sente-se com o tronco ereto e cruze as pernas na direção do entrevistado. Será útil sugerir ao entrevistado que faça o mesmo em relação a você. Dessa maneira, seus corpos demonstrarão empatia e a conversa transcorrerá de forma mais agradável. Nada de ficar balançando a perna ou o pé enquanto fala! Evite cruzar os braços. Isso faz parecer que você não está se sentindo a vontade na situação e que não quer manter relação de intimidade com o outro; enfim, sugere que esteja fechado ao diálogo, uma atitude evidentemente incompatível com quem pretende comunicar-se. Enquanto ouve, suas mãos podem permanecer sobre o joelho ou sobre a coxa. Quando estiver falando, são bem-vindos os gestos manuais que desenhem suas idéias ou, simplesmente, pontuem sua fala. Gestos repetitivos ou aleatórios devem ser descartados. Evite mexer no cabelo ou coçar-se.

²¹Vide as figuras na página 21

■ As palavras do Mestre

Além de procurar entender quais as pretensões dos apresentadores de telejornais locais, por meio de entrevistas com três deles, e saber se elas estão sendo atingidas, através de avaliação fonoaudiológica das performances, busquei também o conhecimento acadêmico. A seguir, uma entrevista com o doutor em Ciências da Comunicação, professor da pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, jornalista e escritor, Sebastião Squirra, um dos maiores estudiosos em telejornalismo do país.

P - Li alguns livros e artigos do senhor. Cito como exemplo “Aprender Telejornalismo” e “Boris Casoy – O âncora no telejornalismo brasileiro”, respectivamente, de 1990 e 1993. O que mudou nos padrões do telejornalismo de lá pra cá?

R - Concretamente, da década de 1990 para cá entendo que pouca coisa mudou na forma de apresentação e, de forma mais evidente, nas práticas do telejornalismo. Sobretudo daquele veiculado nos horários nobres das redes de TV do país. Veja, fora alterações “cosméticas” (cenário, integrantes, presença de aparelhos de TV etc), nada de radical foi introduzido, pois trata-se sempre da leitura e apresentação de notícias, com o apoio dos recursos audiovisuais possíveis. A experiência do âncora foi retirada das telas com a saída do Boris, revelando que o modelo, de fato, é de difícil aplicação em qualquer lugar.

P - O que se manteve e deve permanecer?

R - Se mantém a forma de apresentação, o estilo de leitura, o modelo da edição, a lógica narrativa. Afinal, o ser humano não mudou tanto assim neste período. E, por isso, acho que

muito pouca coisa será alterada no futuro. Veja que, no ímpeto da mudança, na Rússia tempos atrás, uma apresentadora de TV se despia enquanto lia as “notícias” (é lógico que deveria ser algo no estilo destes programas populistas de auditório). Mas, devemos assistir a muito do que hoje vemos nas telas no futuro próximo.

P - Ainda falta algo muito expressivo para se aproximar da excelência?

R - Não sei se trata-se de mirar a excelência. Afinal, o que deve ser um programa de telejornalismo? O que a população espera deste? Entendo que o telespectador quer a verdade, sem as “gorduras” que a escondem. Ele espera o equilíbrio editorial, sem escaramuças. Ele procura a notícia individual, que atenda seus interesses, não os da elite. Ele anseia pela notícia que fale das suas angústias, não das agruras do “sistema”. Ele demanda um olhar objetivo sobre seu entorno, não sobre a realidade de outras paragens. E resta a pergunta: como atender isto? Veja que o jornalismo de TV se insere no contexto capitalista, do interesse empresarial, da lógica da manutenção do poder do jeito que está (com as elites etc), na perpetuação do modelo de investimento (o legislativo nunca cassou uma rede de TV no país...), na consolidação das imagens públicas (constate como os políticos precisam dos telejornais para isso...) etc. Excelência? Hum....

P - Como o senhor definiria um âncora?

R - O que conheço é o modelo do âncora “original”, aquele que surgiu, tem história e continua nos EUA. Trata-se daquele jornalista (condição 1), que apresenta um programa de notícias de TV em horário nobre (condição 2), que tem larga “imagem

pública”, portanto, credibilidade (condição3) e que recebe a função de editor-chefe (condição 4) do telejornal que apresenta. Além disso, tem autonomia (condição 5) para definir a pauta (por isso, é o editor-chefe), os enfoques, a profundidade, o apresentador, as fontes do telejornal que apresenta. Aliás, ele não só “apresenta” o telejornal. O telejornal é “ele”, é “dele”, o nome dele aparece no título do telejornal.

P - O senhor acha apropriado que os apresentadores façam comentários nos telejornais?

R - Os jornalistas (e, sobretudo, os apresentadores) que vêm dando (aliás, quem pede?) opiniões no ar, fazem isto para ser “diferentes” e para parecerem mais “inteligentes”, tentando influenciar a opinião pública. Pura bobagem, pois os telejornais não são “deles”, entende? Eles são só os apresentadores de “plantão”, podem ser trocados a qualquer hora, como, aliás, vem acontecendo. De fato, parece se caracterizar como um viés viciado de pretensa “liberdade” editorial.

P - O senhor acredita que ainda há espaço para um âncora como Boris Casoy no telejornalismo de hoje?

R - Acho que sim. O que falta são personagens à altura. Reflita: quem poderia ser âncora hoje na TV? Quantos jornalistas experientes, com imagem pública consolidada, com aceitação expressiva da audiência, com segurança para atuar no veículo, com independência editorial existem no mercado hoje? Tente lembrar nomes. Você ficará chocada ao constatar que não são muitos. Aliás, não me lembro de nenhum com todos estes predicados. O Boris foi fruto da época, da necessidade de

inovação e abertura política que se vivenciava no início dos anos 1990. T tamanha liberdade e poder, acho difícil ser conferida a algum jornalista nas emissoras de TV do país, sobretudo em ano de eleição.

P - O telejornalismo da Rede Globo representa um padrão a ser seguido?

R - O padrão de qualidade sim, pois representa referencial de capacidade tecnológica e de produção seriada com segurança e cronograma. Todavia, em nenhuma outra emissora seria possível realizar experiências diferenciadas, pois, na Globo, o modelo está “formatado”, sendo praticamente impossível criações radicais.

P - Que avaliação o senhor faz dos telejornais surgidos nas outras emissoras recentemente? Eles estão fazendo um relativo sucesso. A que o senhor atribui?

R - O modelo é um só: o da Globo. E fim de papo! O que vem acontecendo é que os programas têm jornalistas diferentes do William Bonner e da Fátima Bernardes. E isto está permitindo à audiência uma alternativa, que está fazendo algum sucesso. Veja, falei de “algum”, pois nada expressivo se está constatando no Ibope. O que a Globo tem, dificilmente será conquistado da “noite para o dia”, que é sua inercial atração. Isto, pelo tempo de existência sem alterações substanciais (veja quanto tempo o Cid Moreira e Chapelin ficaram no ar), passando a sensação de modernidade (pela limpeza estética) e segurança (sempre no mesmo horário!). Isto é procurado por todos os demais. Mas, poucos conseguem.



O repórter

■ O repórter

Assim como foi feito com apresentadores, trago aqui algumas questões importantes que repórteres devem saber e que ainda não foram abordadas no manual. A fonoaudióloga Cida Stier (2003)²² destaca que, quando um repórter deixa de valorizar as próprias características e, aleatoriamente, constrói uma maneira artificial de falar, acaba distanciando-se de seu objetivo inicial, que é reportar, ou seja, contar um fato para alguém. Cada pessoa tem sua maneira própria de falar e de ler. Essa maneira vai sendo desenvolvida a partir de todas as experiências vividas pelo indivíduo, somadas a sua percepção.

Não aumentamos o grau de compreensão pela quantidade excessiva de palavras enfatizadas. Ao contrário, o excesso de ênfases compromete a interpretação. O prolongamento das vogais em uma determinada sílaba retira a finalidade da entonação. Dessa forma, marca excessivamente uma palavra. Também é errado mudar a tonicidade da palavra, ou seja, deslocar a sílaba tônica para outra não tônica.

Stier reforça ainda que as pausas interferem no ritmo da narração. Elas contribuem para a compreensão da fala, auxiliam na expressão, na espontaneidade e na naturalidade. Mas é preciso ter cuidado no uso das pausas, já que, empregadas na hora errada, demonstram com clareza que o repórter está lendo. E lembram que o repórter deve narrar seu texto sem dar a impressão de que está lendo e sim, contando algo?

■ A voz do profissional

Da mesma forma que fiz com apresentadores, pedi que a fonoaudióloga da TV Bahia, Terezinha Torres, avaliasse o emprego de recursos verbais e não verbais por parte dos repórteres de três emissoras locais. Lembrando que, por questões éticas, emissoras e repórteres não estão identificados.

²²Artigo In “Fonoaudiologia e Telejornalismo – Relatos de Experiências na Rede Globo de Televisão

Confira os padrões adequados para o telejornalismo:

TIPO DE VOZ: Deve ser NEUTRO, sem alterações. A voz deve ser clara, sem rouquidão, aspereza ou sopro.

RESSONÂNCIA: Deve ser equilibrada, utilizando de forma adequada toda a caixa de ressonância, sem um foco predominante.

PITCH (TOM): Espera-se um tom de voz médio, que possibilite as variações necessárias durante a narração do texto.

LOUDNESS (INTENSIDADE): Também deve ser média, permitindo as adequações necessárias ao contexto.

ARTICULAÇÃO – É necessário que seja precisa, sem nenhuma alteração ou distorção.

COORDENAÇÃO PNEUMOFONOARTICULATÓRIA – O profissional deve ser capaz de coordenar perfeitamente a sua respiração com a emissão da fala.

ATAQUE VOCAL – Refere-se ao início da emissão. Não deve ser brusco, aspirado ou sopro.

RECURSOS VOCAIS (O COMO DIZER): Referem-se aos parâmetros paralinguísticos que compõem a emissão. Falamos aqui sobre ênfase, a curva melódica, o uso das pausas e às modificações da velocidade, do loudness, do ritmo, com intenção comunicativa.

RECURSOS NÃO-VERBAIS: Englobam o corpo como canal de expressão. Consideramos a postura corporal, o uso dos gestos e a expressão facial, complementando a percepção no vídeo. Junto com os recursos vocais, respondem por cerca de 80% da mensagem.

Emissora 1

Repórter A

1. QUALIDADE VOCAL

TIPO DE VOZ: Neutra (sem alterações)

RESSONÂNCIA: Foco nasal

PITCH (TOM): Médio/agudo

LOUDNESS (INTENSIDADE): Médio

ARTICULAÇÃO: Imprecisa

COORDENAÇÃO PNEUMOFONOARTICULATÓRIA:
Presente

ATAQUE VOCAL: Sem alterações (isocrônico)

2. RECURSOS VOCAIS (ASPECTOS PROSÓDICOS)

Inadequados

ÊNFASE: Adequada (predomínio da intensidade)

PAUSAS: Expressivas e respiratórias adequadas

ENTOAÇÃO (VARIAÇÃO DE TOM): Repetitiva

RITMO: Repetitivo

TAXA DE ELOCUÇÃO (VELOCIDADE): Média/sem
variações

3. RECURSOS NÃO VERBAIS

EXPRESSÃO FACIAL: Adequada

POSTURA CORPORAL: Inadequada

MENEIOS DE CABEÇA: Adequados

GESTOS: Repetitivos

CONCLUSÃO: Qualidade vocal apresentou alterações na articulação e na ressonância. Nos recursos vocais, observam-se ênfases com a utilização predominante do recurso intensidade, entoação e ritmo repetitivos e taxa de elocução sem variações. Entre os recursos não verbais, verificam-se alterações na postura corporal e gestos repetitivos.

Repórter B

1. QUALIDADE VOCAL

TIPO DE VOZ: Neutra (sem alterações)

RESONÂNCIA: Equilibrada

PITCH: Médio

LOUDNESS: Médio

ARTICULAÇÃO: Precisa

COORDENAÇÃO PNEUMOFONOARTICULATÓRIA:
Presente

ATAQUE VOCAL: Sem alterações (isocrônico)

2. RECURSOS VOCAIS (ASPECTOS PROSÓDICOS)

Inadequados

ÊNFASE: Adequada

PAUSAS: Expressivas inadequadas (previsíveis),
respiratórias adequadas

ENTOAÇÃO: Adequada

RITMO: Repetitivo

TAXA DE ELOCUÇÃO: Sem variações

3. RECURSOS NÃO VERBAIS

EXPRESSÃO FACIAL: Inadequada

POSTURA CORPORAL: Inadequada

MENEIOS DE CABEÇA: Exagerados

GESTOS: Repetitivos

CONCLUSÃO:

Qualidade vocal sem alterações. Recursos vocais inadequados quanto às pausas expressivas, ritmo e variação da taxa de elocução. Recursos não verbais com alterações em todos os aspectos.

Emissora 2

Repórter C

1. QUALIDADE VOCAL

TIPO DE VOZ: Neutra (sem alterações)

RESSONÂNCIA: Equilibrada

PITCH: Médio

LOUDNESS: Médio

ARTICULAÇÃO: Imprecisa

COORDENAÇÃO PNEUMOFONOARTICULATÓRIA:

Ausente

ATAQUE VOCAL: Sem alterações (isocrônico)

2. RECURSOS VOCAIS (ASPECTOS PROSÓDICOS)

ÊNFASE: Adequada

PAUSAS: Expressivas adequadas, respiratórias inadequadas

ENTOAÇÃO: Adequada

RITMO: Adequado

TAXA DE ELOCUÇÃO: Adequada

3. RECURSOS NÃO VERBAIS

EXPRESSÃO FACIAL: Adequada

POSTURA CORPORAL: Adequada

MENEIOS DE CABEÇA: Adequados

GESTOS: Adequados

CONCLUSÃO:

Qualidade vocal com alterações na articulação e na coordenação pneumofonoarticulatória. Recursos vocais com alteração nas pausas respiratórias. Recursos não verbais sem alterações.

Repórter D

1. QUALIDADE VOCAL

TIPO DE VOZ: Neutra (sem alterações)

RESSONÂNCIA: Foco nasal compensatório

PITCH: Médio

LOUDNESS: Médio

ARTICULAÇÃO: Imprecisa

COORDENAÇÃO PNEUMOFONOARTICULATÓRIA:

Presente

ATAQUE VOCAL: Adequado (isocrônico)

2. RECURSOS VOCAIS

Inadequados

ÊNFASE: Repetitiva (predomínio de intensidade e prolongamento)

PAUSAS: Expressivas e respiratórias adequadas

ENTOAÇÃO: Ascendente/descendente

RITMO: Monótono

TAXA DE ELOCUÇÃO: Adequada

3. RECURSOS NÃO VERBAIS

EXPRESSÃO FACIAL: Inadequada

POSTURA CORPORAL: Adequada

MENEIOS DE CABEÇA: Adequados

GESTOS: Adequados

CONCLUSÃO:

Qualidade vocal com alterações na articulação e foco nasal.

Recursos vocais com alterações nas ênfases, entoação e ritmo.

Recursos não verbais com alterações na expressão facial.

Emissora 3

Repórter E

1. QUALIDADE VOCAL

TIPO DE VOZ: Neutra (sem alterações)

RESONÂNCIA: Nasal

PITCH: Médio

LOUDNESS: Aumentado

ARTICULAÇÃO: Imprecisa – sotaque

COORDENAÇÃO PNEUMOFONOARTICULATÓRIA:

Ausente

ATAQUE VOCAL: Brusco

2. RECURSOS VOCAIS

Inadequados

ÊNFASE: Inadequada

PAUSAS: Expressivas e respiratórias inadequadas

ENTOAÇÃO: Repetitiva

RITMO: Repetitivo

TAXA DE ELOCUÇÃO: Inadequada

3. RECURSOS NÃO VERBAIS

EXPRESSÃO FACIAL: Inadequada

POSTURA CORPORAL: Inadequada

MENEIOS DE CABEÇA: Inadequados

GESTOS: Adequados

CONCLUSÃO:

Qualidade vocal com alterações na ressonância, loudness, articulação, coordenação pneumofonoarticulatória e no ataque vocal. Recursos vocais com alterações em todos os parâmetros. Recursos não verbais com alterações na postura, expressão facial e meneios de cabeça.

Repórter F

1. QUALIDADE VOCAL

TIPO DE VOZ: Neutra (sem alterações)

RESONÂNCIA: Foco nasal compensatório

PITCH: Médio

LOUDNESS: Médio

ARTICULAÇÃO: Imprecisa

COORDENAÇÃO PNEUMOFONOARTICULATÓRIA:

Presente

ATAQUE VOCAL: Adequado

2. RECURSOS VOCAIS

Inadequados

ÊNFASE: Adequada, com predomínio de intensidade

PAUSAS: Expressivas e respiratórias adequadas

ENTOAÇÃO: Repetitiva

RITMO: Repetitivo

TAXA DE ELOCUÇÃO: Adequada

3. RECURSOS NÃO VERBAIS

EXPRESSÃO FACIAL: Inadequada

POSTURA CORPORAL: Inadequada

MENEIOS DE CABEÇA: Exagerados

GESTOS: Inadequados

CONCLUSÃO:

Qualidade vocal com alterações na ressonância e articulação.

Recursos vocais com alterações na ênfase, entoação e ritmo.

Recursos não verbais com alterações em todos os parâmetros.

■ CONCLUSÃO GERAL

Foi possível observar que, tanto apresentadores, como repórteres apresentam maiores dificuldades na utilização correta dos recursos vocais e não verbais, que constituem as bases da expressividade. Consta-se, assim, que a naturalidade na locução do telejornalismo ainda não foi alcançada.

■ Dicas aplicadas

Assim como fiz com os apresentadores, aqui vão dicas mais diretas para emprego dos recursos verbais e não verbais, aplicadas a situações típicas que o repórter enfrenta: as gravações de off e passagem e a realização de “ao vivo” e flash²³. No caso da passagem e do “ao vivo”, as dicas foram divididas em “voz” e “corpo”, para facilitar a compreensão.

OFF: Gravação do texto do repórter após o término da matéria. A fala é coberta com imagens e não há exposição do profissional.

É quando a voz é mais valorizada, pois você não pode contar com os recursos corporais para enriquecer a mensagem. Portanto, esteja atento às inflexões, marcando as palavras de valor. É importante manter a mesma qualidade de voz utilizada na passagem, para que o telespectador perceba que é a mesma pessoa fazendo a matéria. É preciso dar a impressão de realmente estar vivenciando a matéria novamente. Se, por um lado, a gravação do off parece ser mais fácil pela possibilidade de repetição e correção, por outro, o fato de você estar fora do contexto de comunicação pode prejudicar a expressividade.

PASSAGEM²⁴: É a gravação feita pelo repórter no local do acontecimento.

Voz: Procure manter a mesma intensidade e frequência que será usada no off, controlando a influência do ruído externo. Quando existe um ruído externo muito forte, como em shows e estádios, esse controle deve ser mais preciso, para evitar a voz “gritada”. A articulação deve ser precisa e clara.

Corpo: Mantenha uma postura natural. Na maioria das vezes, o repórter é filmado da cintura pra cima e uma das mãos segura o microfone, que deve estar mais ou menos a um palmo do queixo. O tempo da filmagem é curto, e um ou dois gestos com as mãos, no máximo, são suficientes. Menear a cabeça para baixo, no momento em que dá a última informação, é um recurso válido para indicar ao telespectador o fim da emissão. Os meneios também podem ocorrer nas ênfases, de preferência, associados à expressão facial. Caso a palavra narrada seja muito importante, pode-se acrescentar recursos corporais: gestos da mão+meneios de cabeça+expressão facial, tudo ocorrendo simultaneamente à ênfase. Cuidado para não exagerar!

AO VIVO: É a transmissão do repórter no momento do fato ocorrido. A transmissão pode ser externa ou de dentro da própria emissora.

Voz: É provável que a impossibilidade de corrigir um eventual erro o faça sentir-se mais ansioso do que o normal. Procure manter o ritmo e a velocidade adequada, pois a ansiedade em geral promove a aceleração da fala e muitas vezes compromete

²³Vide glossário no final do manual

²⁴Vide glossário no final do manual

a interpretação e até a articulação. Esse é o momento em que verbal e não verbal se unem de forma mais completa e quando o controle vocal se faz mais necessário. Pense sempre no conteúdo do texto, faça anotações das informações-chave e fale naturalmente. Com certeza, o texto interpretado ganhará vida, sua voz será modulada com correção e seu corpo funcionará em harmonia com as palavras ditas.

Corpo: O link provoca a famosa adrenalina na maioria dos repórteres, tornando-os muito mais suscetíveis a erros, tanto de voz, quanto de corpo. Por isso, é habitual observarmos movimentos aleatórios da cabeça e expressões faciais excessivas durante as narrações ao vivo. Com frequência, a causa dessas esquisitices corporais é uma excessiva preocupação em interpretar. Portanto, se o nervosismo for incontrolável, procure fazer poucos movimentos corporais, mas fique atento para não ficar imóvel como um robô. Tente segurar os movimentos

de cabeça e mãos. Uma dica: ter o início do texto decorado ajuda muito nessas ocasiões.

É comum ocorrerem entrevistas ao vivo. Então, olhe fixamente para o entrevistado e procure manter a cabeça e as mãos paradas. Conduza a entrevista como se fosse uma conversa coloquial. Não deixe que o entrevistado segure o seu microfone e o oriente a não olhar para a câmera. Tente combinar isso antes do link e fazer com que o entrevistado se sinta o mais seguro possível ao conversar com você. Lembre-se de que a televisão deixa a maioria das pessoas nervosa.

FLASH: No flash, o repórter aparece ao vivo com uma informação importante, interrompendo a programação normal da emissora. Como o tempo é curto, não há espaço para mais do que meneios de cabeça e expressões faciais nas ênfases mais significativas.



Fique Atento!

■ Fique Atento!

Neste capítulo, fiz questão de destacar os erros de locução que repórteres e apresentadores costumam cometer – sem perceber. É complicado mesmo perceber, até porque, geralmente, não procuramos nos ouvir enquanto falamos, nem temos o ouvido treinado para reparar alterações de dicção (vícios de linguagem), por exemplo, nas quais estamos habituados a recair. Portanto, aqui estão alguns dos tais erros, identificados por fonoaudiólogos*. Pode ser que você passe incólume por eles, mas certamente, a lista servirá para chamar a sua atenção e para te ajudar a descobrir os seus próprios erros.

- Comunicação monótona
- Diminuição da intensidade da voz ao final da sentença
- Ênfase na palavra errada
- Ênfase na sílaba errada
- Respiração na hora errada
- Omissão do “s” no plural
- Omissão do “r” no infinitivo dos verbos

■ Falhas de acentuação:

Forma incorreta

Rubrica
Ruim
Ibero
Gratuito
Bávaro
Boemia
Pudico
Condor

Forma correta

Rubrica
Ruim
Ibero
Gratuito
Bávaro
Boêmia
Pudico
Condor

*Cláudia Cotes, Déborah Feijó e Leny Kyrillos (2003)



Dicas de exercícios

- 1. Ler o texto com atenção e identificar o assunto principal.
- 2. Sublinhar as palavras-chave e as frases principais.
- 3. Fazer um resumo do texto em suas próprias palavras.
- 4. Identificar as ideias principais e as ideias secundárias.
- 5. Fazer perguntas sobre o texto para testar a compreensão.
- 6. Comparar o texto com outros textos que você já leu.
- 7. Discutir o texto com colegas ou o professor.
- 8. Fazer exercícios de interpretação de texto.
- 9. Fazer exercícios de produção de texto.
- 10. Fazer exercícios de análise crítica.

■ Dicas de exercícios

■ Para aquecer a voz

Assim como, para participar de uma corrida, temos que aquecer o corpo e nos preparar para o esforço físico, sob o risco de sofreremos uma distensão muscular, para usar a voz profissionalmente em televisão, com todo o estresse que a situação provoca, é necessário um cuidado prévio. A voz também é suscetível a distensões, que se refletem em fendas, edemas e calos nas cordas vocais, causadores da indesejada rouquidão. É comum o profissional da voz ter uma certa preguiça de manter um ritual de aquecimento diário, mas é preciso criar o hábito de praticar alguns exercícios, que requerem um pequeno espaço de tempo e sacrifícios e propiciam menos riscos de lesões e projeção vocal facilitada. Vide o testemunho da editora e apresentadora do Jornal Nacional, Fátima Bernardes, dado à fonoaudióloga da Rede Globo Deborah Feijó (2004):

Mesmo tendo a voz como o meu principal instrumento de trabalho, só há poucos anos me convenci – ou teria sido convencida? – da importância de se fazer um bom aquecimento vocal antes de começar a trabalhar. O ambiente da redação e do estúdio, necessariamente com ar condicionado, é hostil. O aquecimento e a ingestão mais freqüente de água acabam sendo os nossos maiores aliados. Mas, infelizmente, só passei a dar atenção a isto depois de um susto. Uma gripe forte, somada a um cansaço excessivo, e... a voz se foi.

Como exercícios, fonoaudiólogos* sugerem:

- Abrir e fechar a boca

- Estalar a língua
- Movimentar a boca como se estivesse mastigando, com e sem som, de boca aberta e fechada
- Vibrar a língua e os lábios
- Emitir som nasal (“Hummm”) com mandíbula relaxada
- Emitir consoantes sonoras prolongadas (v....., z....., j.....) num mesmo tom e depois modulando (indo do grave para o agudo e vice-versa)

*Cláudia Cotes, Déborah Feijó e Leny Kyrillos (2003)

■ Não esqueça de desaquecer!

Na maioria das vezes, a preguiça é ainda maior para o desaquecimento. Mas os fonoaudiólogos reforçam que é muito importante o profissional, após o uso prolongado da voz, reservar ao menos cinco minutos para desaquecê-la. Nesse sentido, são recomendados exercícios de alongamento, para recuperar os músculos mais exigidos e preparara a laringe para outros tipos de emissão. Bocejos bem relaxantes e sonoros e vibração de língua em escala descendente de tons também produzem um bom resultado.

■ Não há projeção sem boa dicção

Além de cuidar da qualidade de voz, é preciso cuidar para que ela seja utilizada da forma mais clara possível, para não comprometer a compreensão da mensagem. Aqui estão alguns exercícios recomendados por fonoaudiólogos* para aprimorar a dicção:

- Para soltar a musculatura chamada orbicular labial

(ao redor dos lábios), vibre a língua, ao mesmo tempo que estira e projeta os lábios para trás, como num sorriso, e para frente, com um bico.

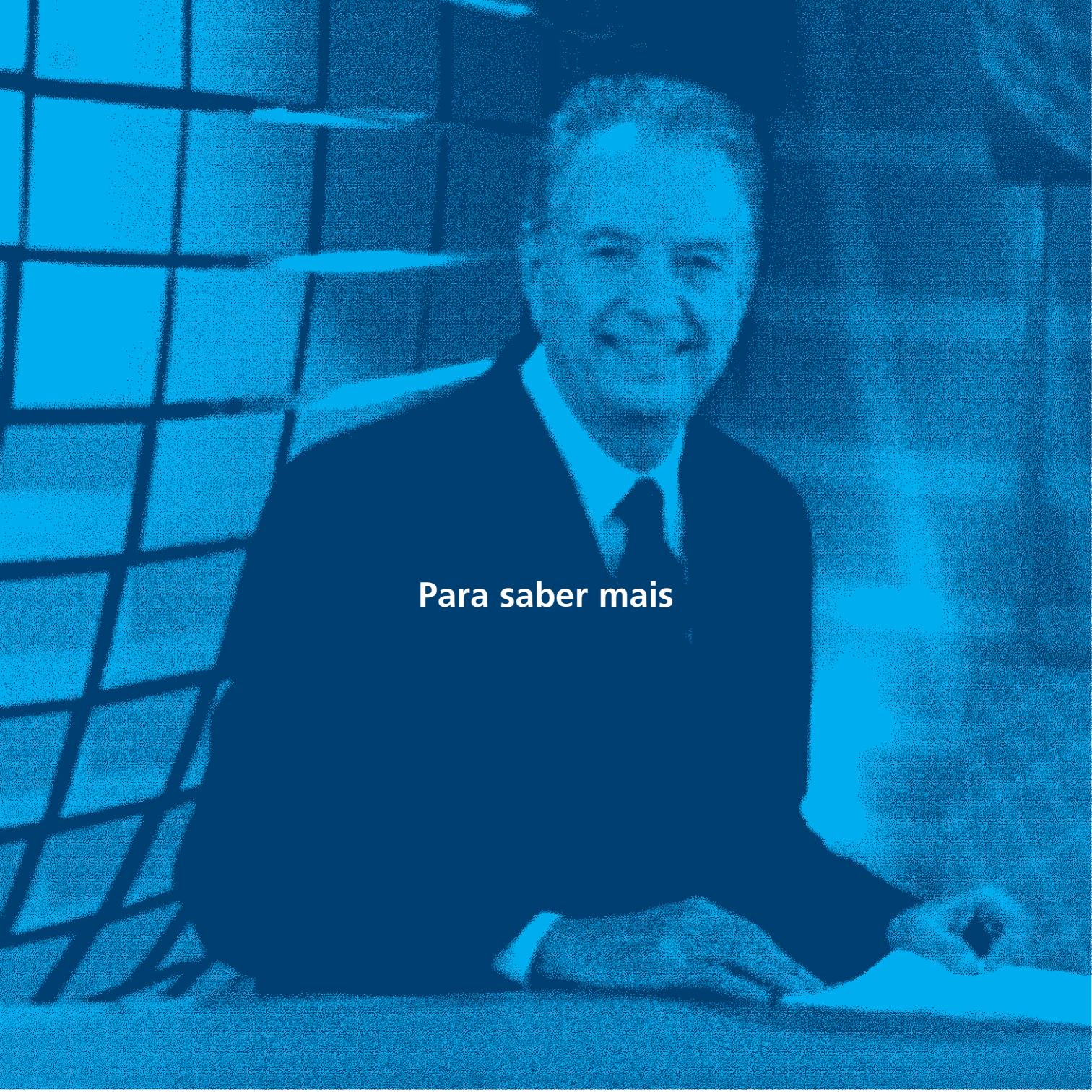
- Com a boca fechada, passe a língua entre os lábios e os dentes, em formato circular, para um lado e para o outro.
- Repita a seqüência de vogais /ô, a/; /ô, ê/; /a, ê, ô/, sobrearticulando-as, ou seja, exagerando os movimentos. Comece bem lentamente e depois repita bem rápido.

Treine as seqüências:

Pr(a), tr(a), cr(a),
Br(a), dr(a), gr(a),
Fr(a), vr(a),
M...r(a), m...r(e), m...r(i), m...r(o), m...r(u)

- Conte de um a dez, recite os dias da semana e os meses do ano, exagerando bastante na movimentação dos lábios e soltando a mandíbula.

*Cláudia Cotes, Déborah Feijó e Leny Kyrillos (2003)

A black and white photograph of a middle-aged man with short, light-colored hair, wearing a dark suit, white shirt, and dark tie. He is sitting at a desk, looking directly at the camera with a slight smile. His hands are resting on the desk in front of him. To his left is a window with a grid pattern. The background is slightly out of focus, showing what appears to be a wall or another window. The overall tone is professional and approachable.

Para saber mais

■ Para saber mais

■ Glossário de telejornalismo

- AO VIVO: Transmissão realizada no exato momento em que o fato está acontecendo. Pode ser externa ou emitida do próprio estúdio da emissora.
- BOLETIM: Resumo de 50 segundos da matéria, com uma entrevista. É um serviço que vai ao ar durante a tarde, em pílulas.
- CABEÇA: O texto que o apresentador lê, antes de chamar a reportagem. Uma introdução à matéria que virá.
- CHAMADA: É uma entrada ao vivo ou gravada do apresentador, chamando em 30 ou 15 segundos os principais assuntos do telejornal, pouco antes de ele ir para o ar, dentro da programação da emissora.
- CLIPE: Costuma fechar um VT, como se fosse um clipe musical. A música é escolhida pelo editor, para cobrir uma seqüência de imagens editadas. Exemplo: no motocross, geralmente encerram-se matérias com os principais pulos, tombos, etc. Com música, claro.
- DEADLINE: Prazo final para o repórter retornar à emissora com uma reportagem a tempo de entrar no ar. O deadline permite ao editor-chefe ter segurança do que ele tem em mãos minutos antes de o jornal ir ao ar.
- DEIXA: Indicação para o apresentador saber que o VT vai terminar e ficar atento para ler a cabeça seguinte.
- DIRETOR DE TV: Profissional que comanda toda a operação técnica enquanto o telejornal está no ar.
- ESPELHO: É o cronograma de como o telejornal irá se desenrolar. Prevê a entrada de matérias, notas, blocos, chamadas e encerramento do telejornal.
- FLASH: Resumo da notícia gravada pelo repórter de rua, que entra ao vivo na programação da emissora.
- GC: Termo técnico que indica os caracteres com os créditos de uma matéria na lauda.
- LAUDA: Papel com o texto da cabeça da matéria e informações sobre duração, caracteres e deixa do VT.
- LINK: Ligação estúdio transmissor e transmissor-transmissor. Trata-se de um serviço técnico que permite o envio de sinal de televisão para transmissão. É também a ligação da emissora com uma unidade geradora de sinal (imagens ao vivo de uma transmissão de futebol, por exemplo.).
- NOTA: Um texto seco, sem imagens enquanto o apresentador lê.
- NOTA COBERTA: Nota que o apresentador lê, só que, enquanto ele fala, aparecem imagens “cobrindo” a nota lida.

- NOTA PÉ: Um texto curto, lido pelo apresentador ao final de uma reportagem, para acrescentar alguma informação que não entrou no corpo da matéria.
- OFF: O texto do repórter depois de pronto, gravado na cabine de locução ou dentro do carro.
- PASSAGEM: É a parte da reportagem em que o repórter aparece. Geralmente, supre uma imagem que falta, dá uma informação de relevância, ou muda o ambiente da matéria (De dentro da sala para o ar livre, do dia para a noite, de uma cidade para outra).
- PONTO ELETRÔNICO: Fone de ouvido usado pelos apresentadores, pelo qual são passadas todas as informações de apoio, como, por exemplo, o tempo disponível para narração, a mudança de ordem na entrada de matérias ou o surgimento de uma matéria nova.
- POVO FALA: Também chamado de fala-povo, é a entrevista feita com várias pessoas – uma de cada vez –, que repercutem determinado assunto.
- SCRIPT: O mesmo que lauda.
- SOBE SOM: A parte do som ambiente da matéria ou a parte “musical” dela. Exemplo: Matéria de uma orquestra tem “sobe som” de uma das músicas apresentadas. Numa reclamação de moradores, o “sobe som” pode ser uma pessoa falando alto que está cansada da situação, etc.
- SONORA: Nome que se usa para a entrevista.

Exemplo: Fazer uma sonora com o prefeito é o mesmo que entrevistar o prefeito.

- STAND UP: Resumo de uma matéria. O repórter aparece e dá todas as informações que ele tem até aquele momento. Geralmente, é usado quando a reportagem completa vai ser exibida no próximo telejornal. Usa-se deste estilo também quando não há tempo hábil para se colocar a reportagem toda no ar porque ela acabou de acontecer, ou o material não chegou para ser editado, etc.
- TEASER: Uma aparição rápida do repórter durante o início do jornal, para chamar um assunto que vai ser discutido durante o mesmo.
- TELEPROMPTER: Aparelho geralmente colocado sobre a câmera, que apresenta uma tela com letras grandes e velocidade sincronizada, onde está escrito o texto a ser lido pelo apresentador.
- VT (VIDEOTAPE): A reportagem em si, também chamada de matéria.

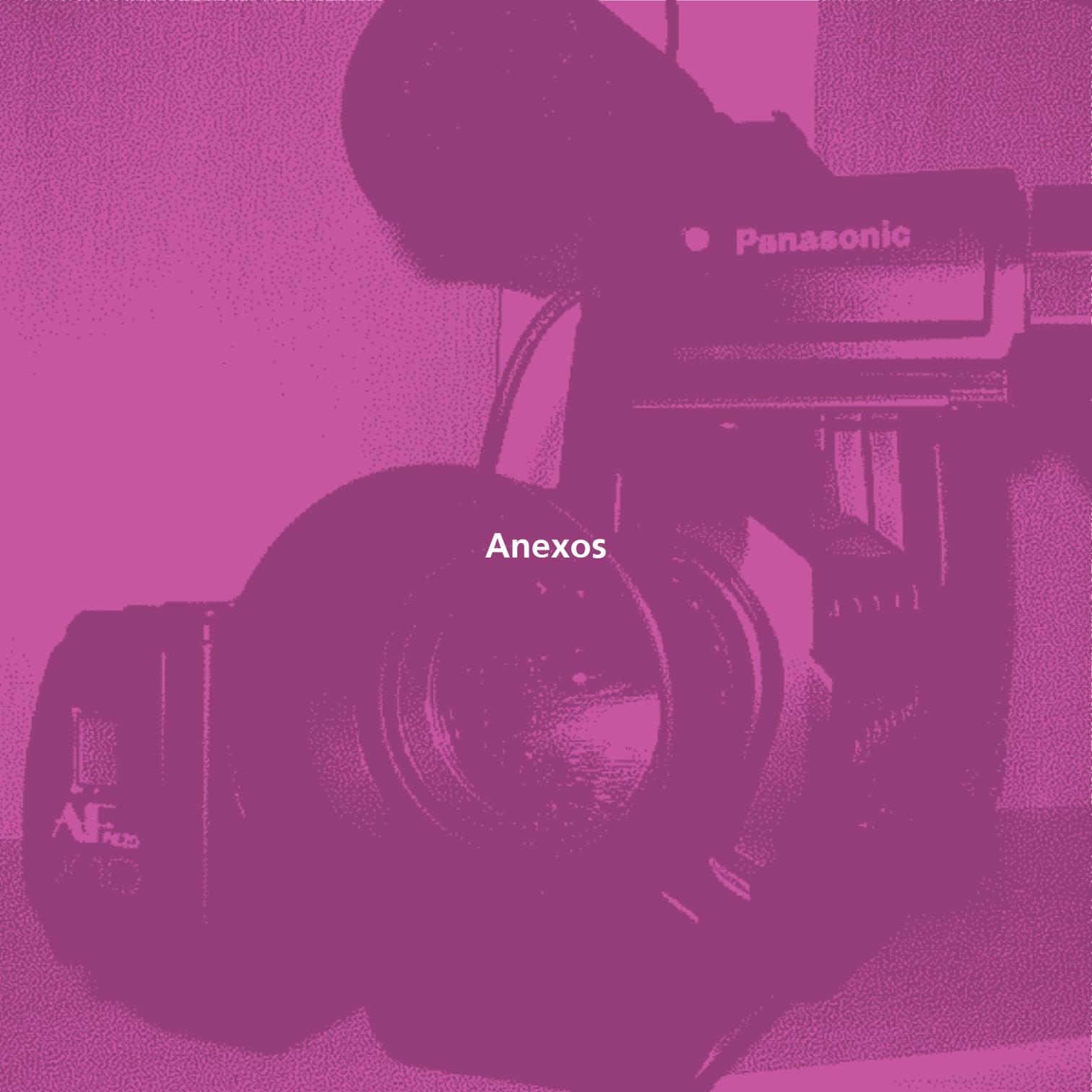
■ Referências Bibliográficas:

- BIAL, Pedro. **Crônicas de Repórter**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996
- COTES, Claudia; FEIJÓ, Débora; KYRILLOS, Leny Rodrigues. **Voz e corpo na TV**. Rio de Janeiro: Globo, 2004.
- FEIJÓ, Déborah; GAMA, Ana Cristina Côrtes;

- KYRILLOS, Leny Rodrigues. **Fonoaudiologia e telejornalismo – Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
- KYRILLOS, Leny Rodríguez. **Expressividade - da teoria à prática**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
 - _____. **Fonoaudiologia e telejornalismo – Relatos de experiências na Rede Globo de Televisão**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
 - _____. **Fonoaudiologia e Telejornalismo baseado no III Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.
 - PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV - Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
 - POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da comunicação – O pensamento e a prática da comunicação social**. São Paulo: Campus, 2003.
 - REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil – Um perfil editorial**. São Paulo: Summos, 2000.
 - SQUIRRA, Sebastião. **Aprender telejornalismo - Produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
 - YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras**. São Paulo: Summos Editorial, 1998.

■ Bibliografia

- BARBEIRO, Heródoto; DE LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de telejornalismo - Os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campos, 2000.
- COTES, Cláudia. **Apresentadores de telejornal: Análise descritiva dos recursos não verbais e vocais durante o relato da notícia**. São Paulo, 2000. Dissertação [Mestrado em Fonoaudiologia] – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- CUNHA, Albertino Aor da. **Telejornalismo**. São Paulo: Atlas, 1990.
- FERREIRA, Leslie Piccolotto; SILVA, Marta Assumpção de Andrada e. **Saúde Vocal – Práticas Fonoaudiológicas**. São Paulo: Roca, 2002.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo – O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- MACIEL, Pedro. **Guia para falar (e aparecer) bem na televisão**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto Editores, 1993.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornal Nacional – A notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- SQUIRRA, Sebastião. **Boris Casoy - O âncora no telejornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1993.



● **Panasonic**

Anexos

AF 100

100

100

100

Anexo - 01

Lauda do **Bahia Meio Dia** com marcações de ênfases do apresentador Casemiro Neto

[TVBAJN]ARQUIVO.JORNAIS.BMD			[TVBAJN]ARQUIVO.JORNAIS.BMD.JULGAMENTO / FERNANDA 03 - 1							
PÁG	NOTAS	RETRANCA	REP	LOC	tCAB	tVT	IMAT	tPRE	tACUM	MODI
03	VT	JULGAMENTO / FERNANDA	CM	CNE	0:14	1:39	1:53		1:13	robert
TJ:	BMD	DATA:	06/06/06 11:12:49		OBS:					

LOCUTOR VIVO

COMEÇOU ESTA MANHÃ EM SALVADOR O JULGAMENTO DO JOVEM QUE MATOU EM DOIS MIL E QUATRO A EX-NAMORADA DE QUATORZE ANOS./ ESTE É UM DOS INÚMEROS CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES./ UM SOFRIMENTO PARA OS PAIS QUE TÊM OS FILHOS ASSASSINADOS .//

////////// RODA VT
//////////

*CG BM_ENT2L WALDEMAR OLIVEIRA
coordenador do CEDECA

*CG BM_ENT2L NELCI DOS SANTOS
mãe de Fernanda

*CG BM_REPOR CAMILA MARINHO
Nazaré, Salvador

*CG BM_IMA2L imagens
CARLITO CHAGAS

{{//// SOBE SOM ////

DEIXA :.....DOZE A TRINTA ANOS DE PRISÃO .// (OFF)

Lauda do **Aratu Notícias** com marcações de respiração da apresentadora Rita Batista

Imprimir Lauda		Página 1 de 1	
Impressão de Lauda - Lauda: 7			
Descrição: AN1-QUARTA-FEIRA, 21/06		Estúdio: Estudio A	
Horário Início: 21/06/2006 12:45:00		Horário Término: 21/06/2006 13:15:00	
		Tempo: 00:14:49	
Início: 12:48:04		Operação: LOC	
Retranca: NOTA POLÍCIA FEDERAL		7 a	
Loc/Rep: M/R		Tempo: 00:00:25	
		Os agentes da polícia federal estão parados em todo país. Na Bahia, a paralisação de vinte e quatro horas, teve adesão total dos servidores. Representantes do sindicato nacional estão reunidos em Brasília decidindo os rumos do movimento. A categoria reivindica novo plano de cargos e salários, assistência à saúde, seguro de vida e outros benefícios. <i>FIM</i>	

N° LAUDA= 2

#RETRANCA=VT SJ BR 324

2

M

DE ACORDO COM A POLÍCIA
RODOVIÁRIA FEDERAL/ VINTE
POR CENTO DOS ACIDENTES
NAS ESTRADAS/ ACONTECEM NA
BR 324.// DURANTE AS
FESTAS JUNINAS O FLUXO DE
VEÍCULO AUMENTA E OS
CUIDADOS DEVEM SER
REDOBRADOS.///

#RODA VT=01:44

#DEIXA="AVENTURANDO"

■ Anexo - 02



Apresentadores Marcos Murilo e Rita Batista, do Aratu Notícias, da TV Aratu





Apresentadores Casemiro Neto e Patrícia Nobre, do Bahia Meio Dia, da TV Bahia



